



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARCOS JOSÉ SANTOS PEREIRA

**A TOPONÍMIA LITERÁRIA EM RUA DO SIRIRI,
DE AMANDO FONTES**

**São Cristóvão
2025**

MARCOS JOSÉ SANTOS PEREIRA

**A TOPONÍMIA LITERÁRIA EM RUA DO SIRIRI,
DE AMANDO FONTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Linguagem, Usos e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos.

**São Cristóvão
2025**

MARCOS JOSÉ SANTOS PEREIRA

**A TOPONÍMIA LITERÁRIA EM RUA DO SIRIRI,
DE AMANDO FONTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Linguagem, Usos e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos

Aprovada em: 25 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos (Presidente / Orientador)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Eliabe dos Santos Procópio (Examinador Interno)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dr.^a Márcia Sipavicius Seide (Examinadora Externa)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Aos meus filhos Sophia, Pedro e Martina pelo carinho.
À minha esposa, pelo carinho e apoio incondicionais.
A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização de um
sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelo dom da vida!

À minha família, pelo apoio constante, pela atenção e pelo incentivo de sempre.

A meus pais, Antônia (*in memoriam*) e José Pereira (*in memoriam*), por sempre acreditarem que o estudo é a melhor solução.

A Karina, pela paciência, compreensão, pelo carinho e por ser meu porto seguro nos momentos difíceis.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cezar Neri, pela atenção, pela paciência, pela leveza na condução de todo o processo, além de sua força e alegria.

Aos professores Eliabe Procópio e Márcia Seide, pelas generosas contribuições, conselhos e orientações para a conclusão desta pesquisa.

Aos professores do PPGL/UFS, pelos momentos de conhecimentos e aprendizagens que contribuíram para a minha formação.

Aos meus colegas do PPGL, pelos momentos compartilhados, pelos risos e pelo rico convívio, em especial a Jovane. Que a amizade perdure para a vida!

Enfim, a todos os meus amigos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desse meu trabalho: o meu muito obrigado!!!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Avenida Barão de Maruim em 1920

Figura 2: Ilustração de Aracaju no fim do Século XIX

Figura 3: Morro do Bonfim no ano de 1940

Figura 4: Ilustração dos bairros de Aracaju atualmente

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Obras publicadas sobre Toponímia Literária no lapso temporal 2009 a 2024

Quadro 2: Quantidade de logradouros públicos em Aracaju pela EMURB-PMA/2013

Quadro 3: Modelo de ficha lexicográfico-toponímica

Quadro 4: Logradouros públicos extraídos da obra Rua do Siriri e sua respectiva função

Quadro 5: Quadro sistemático de dados

Quadro 6: Funções literárias dos espaços referentes aos logradouros públicos ficcionais

Quadro 7: Ocorrências e percentuais das funções literárias

Quadro 8: Relação entre os logradouros fictícios e os logradouros reais

Quadro 9: Dados da toponímia urbana do Catálogo de Logradouros Públicos de Aracaju (2013)

Quadro 10: Relação entre os logradouros fictícios e os logradouros reais

LISTA DE PLANTAS

Planta 1: Planta delimitadora de terrenos de marinha data de maio de 1925

Planta 2: Planta delimitadora de lotes

Planta 3: Planta delimitadora de bairros

Planta 4: Planta de terrenos pertencentes ao Estado

Planta 5: Trecho de planta de Aracaju encontrado no Arquivo Público do Estado em 1868

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O REAL E O FICCIONAL EM SIGNOS TOPONÍMICOS DE CORPORA LITERÁRIOS	18
2.1 ONOMÁSTICA LITERÁRIA: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	20
2.2 MICROTAPONÍMIA URBANA: RELAÇÃO ENTRE O REAL E O FICCIONAL	25
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
4 ANÁLISE TOPONÍMICA DA OBRA RUA DO SIRIRI	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES: FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS	56
ANEXOS	98

RESUMO

Esta dissertação investiga elementos linguístico-literários e extralinguísticos baseados nos nomes de lugares presentes no romance ficcional *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, publicado em 1937. O estudo aplica os fundamentos teóricos e metodológicos da Onomástica Literária e relaciona, após seleção e tratamento lexicográfico de nomes de ruas, de avenidas, de praças e de bairros, esses itens lexicais à descrição da cidade de Aracaju da primeira metade do século XX. Para atingir este objetivo, realiza-se uma revisão da literatura sobre Onomástica Literária, especialmente no Brasil, norteado pelas palavras-chave onomástica literária, toponímia, literatura e memória, em bases de dados acadêmicas num lapso temporal de 1990 aos dias atuais. O tratamento dos dados se deu em forma de fichas lexicográfico-toponímicas, que constam em apêndice, e o corpus extraído da obra foi cotejado junto a mapas da cidade de Aracaju datados a partir da segunda metade do século XIX, como a lista de nomes do catálogo de logradouros públicos do município de Aracaju. Quanto à análise, assinalou-se as principais funções desses topônimos na referida obra e, como resultado, foi possível comprovar que esses signos toponímicos extraídos da obra fontiana têm caráter realístico e podem, numa análise semântico-etimológica das funções literária, mimética e memorialista, identificar o alto grau de verossimilhança.

Palavras-chave: Toponímia. Onomástica literária. Amando Fontes. Memória. Aracaju.

ABSTRACT

This dissertation investigates linguistic-literary and extralinguistic elements based on the place names listed in the fictional novel *Rua do Siriri*, by Amando Fontes, published in 1937. This study applies the theoretical and methodological foundations of Literary Onomastics. After the selection and lexicographic treatment of street, avenues, squares, and neighborhoods toponyms, it relates these lexical items to the description of the city of Aracaju in the first half of the 20th century. To achieve this objective, a literature review was carried out on Literary Onomastics, especially in Brazil, guided by the keywords literary onomastics, toponymy, literature, and memory, in academic databases from 1990 to the present time. We registered the data in lexicographic-toponymic forms, included in the Appendix, and we compared the corpus extracted from the work with maps of the city of Aracaju dating from the second half of the 19th century, such as the list of names in the Catalog of Public Places in the Municipality of Aracaju. As for the analysis, we pointed out the main functions of these toponyms in the book, as a result, it was possible to prove that these placenames extracted from Fontes's have a realistic character and may, in a semantic-etymological analysis of the literary, mimetic and memorialist functions, identify a high degree of verisimilitude.

Keywords: Toponymy. Placenames. Literary onomastics. Amando Fontes. Memory. Aracaju.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos onomásticos, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFS), têm orbitado em torno do macroprojeto *Onoma: descrição, análise e usos de nomes próprios no Brasil*, vinculado à linha de pesquisa Linguagem, Usos e Tecnologias, sob orientação do prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos, que objetiva assinalar e problematizar fenômenos linguísticos e extralinguísticos relacionados a nomes próprios, quer tradicionais, quer inovadores, no território brasileiro e, em especial, em Sergipe.

A motivação para esta pesquisa, portanto, surgiu do desejo de estudar a relação entre toponímia, literatura e memória em uma obra ficcional, a saber o estudo de logradouros públicos listados no romance *Rua do Siriri*, do autor sergipano Amando Fontes, publicado em 1937 pela editora Tecnoprint. O corpus deste estudo está composto por nomes de lugares que correspondem majoritariamente à microtoponímia urbana – ruas, avenidas, bairros, ponte e praças – da cidade de Aracaju-Sergipe, quando se relaciona o real e o ficcional para verificar como esses topônimos de natureza literária retratam a realidade da capital sergipana, tanto numa perspectiva tanto memorialística quanto mimética. Caso o espaço retratado na literatura exista na realidade, a função é mimética¹. Se não existe mais na realidade, a função é memorialista.

Para Biderman (2001, p. 13), “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: a palavra”. A partir da palavra, podemos categorizar o conhecimento e nomear a realidade e a ficção, para que sirva de veículo de transmissão de todos os sentidos que circulam no grupo social. Reconhecendo as múltiplas perspectivas das teorias acerca dos usos da língua, ancoramos esta pesquisa nos fundamentos teóricos e metodológicos da Onomástica – especificamente da Toponímia Geral e da Toponímia Literária. A Toponímia estuda os nomes próprios relativos aos lugares e a Antroponímia refere-se ao estudo dos nomes de pessoas. Em geral, estudos

¹ Segundo Seide (2023), quando o nome de lugar mimetiza o ambiente do romance, trata-se de função mimética tanto para o leitor que foi contemporâneo ao autor do texto quanto para o leitor de hoje. Se não existe mais, para o leitor de hoje, o nome de lugar pode ter função memorialista, mas para o leitor contemporâneo tinha também função mimética. Em o Sofista, Platão havia tentado distinguir duas artes miméticas, a arte fantasmática, enganadora por natureza, e a arte eicástica, suscetível de veracidade. (Ricouer, 1913, p. 38-39).

relativos à antroponímia literária costumam ser em maior número, no Brasil, do que os estudos de toponímia literária, como é o caso desta dissertação.

Ao reconhecer que há um duplo uso do signo toponímico em obras literárias, constituiu-se como problema de pesquisa compreender aspectos de memória da cidade de Aracaju da primeira metade do século XX por meio da interpretação linguística e extralinguística dos signos toponímicos dispostos na obra *Rua do Siriri*, de Amando Fontes. Para responder tal questão, foi necessário analisar o contexto geossócio-histórico da narrativa, quando Fontes retrata a cidade de Aracaju a partir de 1918, com foco no cotidiano das prostitutas que foram obrigadas a mudar de endereço após a expedição de um Edital da Polícia, publicado no Diário Oficial.

Aracaju contava, então, com proprietários de engenho, servidores dos órgãos públicos e grandes fazendeiros, de um lado, e famílias de retirantes, de trabalhadores comuns e de operários das fábricas que moravam nas periferias da cidade. Em 1855, passou a servir de sede administrativa do Estado, em substituição à antiga capital São Cristóvão, dada sua localização estratégica para o escoamento da cana-de-açúcar oriunda dos engenhos do interior do Estado, a exemplo dos municípios de Laranjeiras e de Maruim (Freire, 1891).

Uma breve bibliografia pode subsidiar o leitor quanto à compreensão de escolhas de certos nomes de lugares em sua obra *Rua de Siriri*. Amando Fontes nasceu em Santos-SP em 1889 e, aos cinco meses de idade, quando do falecimento de seu pai, o farmacêutico Turíbio da Silveira Fontes, retornou a Sergipe com a sua mãe, Rosa do Nascimento Fontes. Durante a sua vida participou ativamente no cenário social sergipano e nacional, tendo sido advogado, professor de Língua Portuguesa, industrial, funcionário público, político e escritor. Estudou no Colégio Atheneu Sergipense, em Aracaju, e cursou Direito na Faculdade de Direito da Bahia, em 1928. Foi Deputado Federal eleito por Sergipe por três legislaturas – 1935 a 1937; 1946 a 1951, tendo sido constituinte; e 1951 a 1955 (Câmara, 2024). Como escritor, publicou dois romances em vida: *Os Corumbas*, publicado em 1933, e *Rua do Siriri*, em 1937. Segundo sua neta Lilian Fontes, há um terceiro romance, cujo título é *Deputado Santos Lima*, que não foi revisado antes do seu falecimento (Fontes; Lemos, 2023, p. 175). A existência dessa terceira obra, encontrada por uma neta ao organizar e editar o diário de sua avó Corália, esposa de Amando Fontes, está, portanto, à espera de um estudo filológico sério nas próximas décadas.

Sabe-se que a literatura apresenta relação estreita com a cultura de determinada comunidade e serve, dentre outras funções, para exprimir aspectos sociais, culturais, históricos e geográficos do cotidiano. Está inserida em um contexto igualmente social, e quando a entendemos como uma criação da realidade e que se baseia em uma realidade histórica, cotidiana ou imaginativa, fica compreensiva a ideia de que o nomeador se vale desses aspectos no ato de nomear. É nesse sentido que a leitura da obra *Rua do Siriri* entrega ao leitor a toponímia urbana de Aracaju da primeira metade do século XX de forma amiúde.

Amando Fontes escreveu duas obras que narram a realidade sergipana na primeira metade do século XX: uma trata do êxodo de uma família do município de Lagarto para Aracaju, que foge da fome e da seca; e a outra narra a história de um grupo de mulheres prostitutas que são obrigadas a mudarem de endereço em nome da honra e da ordem em prol das famílias. *Os Corumbas*, publicado em 1933, e *Rua do Siriri*, em 1937, respectivamente, são classificados como romances sociais que marcam a segunda geração modernista sergipana e brasileira (a Geração de 30), cuja temática mais explorada é a crítica à realidade sociocultural brasileira. A literatura de Amando Fontes repercute na crítica social herdada do Realismo e do Naturalismo através de tipos populares como migrantes, trabalhadores do mundo fabril, militares, boêmios e mulheres prostitutas e/ou enganadas.

No dia 27 de novembro de 1937, na coluna Movimento Literário do jornal O Estado de Sergipe, assinada por Tasso da Silveira, encontra-se uma crítica a essas duas obras de Amando Fontes. O crítico afirma não se tratar apenas de realidade, mas de uma realidade dolorosa da decadência da família pobre do nordeste brasileiro ao evidenciar que a prostituição arruinou várias famílias em ambas as narrativas. Nesse sentido, percebe-se que Amando Fontes “bebeu da fonte” do povo simples do sertão e retratou as mazelas por esses carregadas, devido a sua condição geossócio-histórica desprivilegiada ao ponto de terem que migrar para o centro urbano com o intuito de sobreviver.

Para Todorov (2011), o problema da apresentação do tempo na narrativa impõe-se por causa de uma dissemelhança entre a temporalidade da história e do discurso. O tempo do discurso é, em um certo sentido, um tempo linear, enquanto o tempo da história é pluridimensional (Barthes, 2011, p. 242). O tempo na narrativa da obra, assim, se inicia em 1918, ano em que o Chefe de Polícia publicou em Edital de Polícia a transferência das prostitutas para uma rua mais afastada com o intuito de preservar as famílias das mulheres

de vida fácil, e coincide com o *boom* da urbanização em Aracaju, no governo do prefeito Pereira Lobo; já em 1937, quando da publicação da obra, tem-se o momento político ditatorial do Estado Novo de Getúlio Vargas e o período intervencionista em Sergipe, com Eronides Carvalho. *Rua do Siriri* apresenta 48 (quarenta e oito) partes, com vários nomes de lugares, dos quais foca-se aqui nos logradouros públicos da jovem cidade de Aracaju. Segue o Edital disposto na primeira parte da obra (Fontes, 1937, p. 9) e, a seguir, os nomes de ruas do centro de Aracaju listados ao longo de todo o texto.

LOCALIZAÇÃO DO MERETRÍCIO

De ordem do Ex.^{mo} Sr. Chefe de Polícia do Estado, ficam intimadas todas as mulheres de vida fácil que hoje residem nas Ruas de Arauá, Estância, Propriá e Santa Luzia a se mudarem, no prazo improrrogável de 8 (oito) dias, para a Rua de Siriri, no trecho compreendido entre as ruas Laranjeiras e Maroim

Aracaju, 1º de dezembro de 1918.

O Secretário

Manuel de Barros Maciel

Segue uma lista exaustiva desse corpus toponímico ao longo das 48 partes, respeitando-se a grafia da primeira edição da obra:

- Parte 1: as ruas de Arauá, Estância, Propriá, Santa Luzia, de Siriri, Laranjeiras e Maroim;
- Parte 2: a Rua do Siriri; Alto de S. Cristóvão; Av. Barão de Maroim; rua de Laranjeiras, rua da Estância;
- Parte 3: Aracaju;
- Parte 4: a Rua do Siriri;
- Parte 5: a Rua da Estância, salinas da Getimana, o quartel, a Praça do Palácio, Lagarto, a rua da Frente, Canudos, o Trapiche do baiano, a barra (Barra dos Coqueiros), a Bahia, o Rio (RJ), o Paranaguá, a Sergipana e Aracaju;
- Parte 7: Bahia, o Rio (Estado do Rio de Janeiro), Sergipe, Aracaju, os Vinhedos de Setúbal, a Rua do Siriri, a Rua da Vitória, Penedo e Propriá;
- Parte 8: cabaré Gato Preto, a Rua de Arauá, a Rua da Estância, Aracaju e o Colégio Ateneu;
- Parte 9: Estância, a Atalaia e o Saco;
- Parte 10: Rua das Mangabas, a Rua da Frente e o rio São Francisco;
- Parte 11: Barreiras;
- Parte 14: hospital Santa Isabel;
- Parte 15: Boa Viagem, a Rua do Bonfim, a zona do Aribé, o Cotinguiba e o Oiterinhos;

- Parte 17: rio Cotinguiba, Laranjeiras, Maroim, Canudos, a Rua da Capela e Aracaju;
- Parte 18: Vale do Japarutuba, o rio Poxim, o Vaza-Barris, do Siriri, Aracaju, o Cotinguiba, a Rua do Fogo, Rio (RJ), São Paulo;
- Parte 19: Rua do Siriri e a Rua da Vitória;
- Parte 20: Rua do Siriri, o Itaipava;
- Parte 21: Carro Quebrado, o Carvão, o Santo Antônio, o Chica Chaves, o Alto de Areia, a Rua da Vitória, o Curral do Bomfim;
- Parte 22: Rua de Itaporanga e o Alto do Cruzeiro;
- Parte 23: Laranjeiras e Queimadas;
- Parte 25: Rua da Estância, São Cristovão;
- Parte 26: Fundação, Chica Chaves, Praça Pinheiro Machado, Santo Antonio, o Café Ideal, o Bar da Antártica, a Rua do Barão, Maceió, Recife, Bahia, a Rua do Topo, a Boa Viagem, o Bonfim, a Rua do Siriri;
- Parte 28: Rio (RJ);
- Parte 29: Aracaju; Rosário;
- Parte 31: Geru, Propriá e Juazeiro;
- Parte 34: Rua do Siriri, Rua do Socorro, a Sergipana, o Santo Antonio, os Aterros do Tecido, Ilhéus, a Rua da Lama (RJ), Aracaju, o S. Antonio, a Fundação;
- Parte 36: Aracaju, a Sergipana e o Manuel Preto;
- Parte 37: Rosário e a Praça da Matriz;
- Parte 38: Riachuelo e a Rua do Siriri;
- Parte 39: Rua do Siriri, Rosário, Avenida Pedro Calasãs, Cemitério dos Cambuís, a Cinelândia (RJ), a Rua da Estância;
- Parte 40: Rua de Laranjeiras e Praça do Palácio;
- Parte 42: Rua do Siriri, Rua de Propriá e Rua Itaporanga;
- Parte 43: Igreja de São Salvador, Rua da Laranjeiras, Rua da Frente, Itabaiana, a Praça do Mercado;
- Parte 44: Rua do Barão, Café Ideal, Rua do Cabeça, a Confeitaria Flor Galega;
- Parte 45: Rua de Santa Luzia;
- Parte 46: Aracaju; Rua do Barão;
- Parte 47: Rua da Vitória, o Café Ideal, o Bar da Antártica;
- Parte 48: Rua de Laranjeiras.

Esses nomes de lugares foram catalogados e serviram para a codificação e tratamento toponímico. Como se pode ver, a jurisdição geográfica não se limita à cidade de Aracaju, citando também nomes de Unidades Federativas distintas, como a capital do país então, o Rio de Janeiro. Além dos logradouros públicos, são registrados também nomes de elementos geográficos humanos, como hospitais, aterros e cemitérios, e físicos, como salinas, vales e rios.

Assim, o objetivo geral desta dissertação é analisar os nomes de lugares dos logradouros públicos presentes na obra *Rua do Siriri* (Fontes, 1937). Para tanto, cumprem-se os objetivos específicos: extrair os topônimos referentes a elementos humanos, como ruas, avenidas, bairros, praças; elaborar fichas lexicográfico-toponímicas, dispostas em Apêndice; e relacionar este corpus a seu caráter memorialístico ou mimético, assinalando aspectos linguísticos e extralinguísticos, numa perspectiva pancrônica.

Os postulados tomados para o cumprimento desses objetivos advêm de uma pesquisa bibliográfica e, quando necessária, documental, considerando a conhecida reflexão de Dick (1990, p. 35-36) de que “a toponímia é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente”. Assim, esse estudo, inevitavelmente, se constitui interdisciplinar, por requerer o acesso a ramos do saber como a Teoria Literária, a História e a Geografia regional.

A disposição das seções do trabalho está assim disposta. Além desta Introdução e das Considerações Finais, a seção 2, *O Real e o Ficcional em signos toponímicos de corpora literários*, apresenta o contexto de produção do livro de Amando Fontes, bem como assinala a microtoponímia urbana da cidade de Aracaju. O corpus do trabalho é apresentado amiúde e as relações entre o real e o fictício são discutidas tomando as denominações locativas em suas funções literária, memorialista e/ou mimética cita-se Amaral; Seide (2020), Seide (2023), Candau (1998) e Ricoeur (1913). Dos estudos históricos sobre a cidade de Aracaju, citam-se Melins (2007), Souza (2019), Porto (2003) e Cruz (2016). A associação entre toponímia, literatura e memória é aprofundada, e o levantamento dos estudos toponímico-literários no Brasil permite uma breve revisão da literatura, além de discussões em diálogo com Smith (2016), Cavill (2016), Dick (1997), Biderman (1998), Braga (2011), Machado (1942) para a fundamentação teórico-procedimental no tratamento dos nomes dos logradouros públicos em tela.

Na seção *Procedimentos Metodológicos*, assinala-se como se deu a extração dos topônimos dispostos da obra. Fez-se uso de mapas da cidade de Aracaju, datados de 1868 e 1919, de plantas de delimitações de logradouros, de plantas diversas e do Catálogo de Logradouros Públicos da cidade de Aracaju, de 2013, para a identificação dessa nomenclatura na geografia local. Por fim, na seção *Análise Toponímica da obra Rua do Siriri*, discute-se os resultados dispostos nas fichas lexicográfico-toponímicas.

2 O REAL E O FICCIONAL EM SIGNOS TOPONÍMICOS DE CORPORA LITERÁRIOS

Nesta seção, discutem-se os fundamentos teóricos e metodológicos que justificam o estudo toponímico em corpora literários, bem como traçam-se aspectos da narrativa fontiana que estabeleçam relações entre o real e o fictício por meio da análise da nomenclatura geográfica.

O diálogo entre o real e o fictício se dá desde a primeira parte da obra por ocasião da decretação da mudança de localidade do meretrício e, durante toda a obra, o que configura, na visão de Lukács (2016), uma dualidade marcada pelo romance de reportagem *versus* literatura criativa. Nesse sentido, a categoria narrativa a ser analisada será o espaço² literário, com o intuito de justificar como a linguagem literária é demonstrável em relação à realidade, como assevera Lukács (1936), ao assinalar que a descrição não é dirigida aos processos humanos, mas às coisas.

O narrador onipresente apresenta, no início da obra Rua do Siriri, o decreto de transferência das prostitutas de localidade e os espaços urbanos a serem afetados, numa relação cronotópica: além de especificar a nova rua para onde as prostitutas deveriam ir, o Chefe de Polícia também estabeleceu um prazo de oito dias – entre 1º de dezembro a 9 de dezembro de 1918 – para a consumação dessa transferência. Na segunda parte, é nítida a utilização da categoria narrativa descrição³, onde o espaço real é demonstrável na linguagem literária quando o autor descreve a rua do Siriri e exhibe nuances, elementos quali e quantitativos relativos às residências.

Embora, à primeira vista, o foco narrativo esteja bastante atrelado às personagens, tem-se o espaço como foco de análise e categoria narrativa ao relacionar duas áreas do saber, a Toponímia, que se constitui o estudo dos nomes de lugares, e a Literatura. Dessa forma, percebe-se a existência de uma relação triádica, defendida por Foucault (2005),

² Para Reis e Lopes (1988, p. 204), o espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam. Entendido como domínio específico da história, o espaço íntegro, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e a movimentação dos personagens, cenários geográficos, interiores, decorações, objetos etc. Em segunda instância, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido lato, que abarca tanto as atmosferas/espaço social quanto as psicológicas.

³ A descrição é uma expansão da narrativa, um enunciado contínuo ou descontínuo, unificado do ponto de vista dos predicados e dos temas, cujo fechamento não abre nenhuma imprevisibilidade para o seguimento da narrativa, mesmo porque a expande e a explicita. (Gama-Khalil, 2010 p. 218).

entre a linguagem, a literatura e a obra⁴, o que caracteriza ponto de partida do estudo toponímico-literário em Rua do Siriri, e suscita reflexões acerca da relação estabelecida entre o espaço social da obra e o espaço social de Aracaju na primeira metade do século XX. A obra de Fontes costuma ser classificada no contexto romance de 1930, sendo característico a utilização de *espaços reduzidos*. Santos e Oliveira (2001) assim assinalam esse tipo de espaço narrativo:

O espaço da narrativa parece estar concentrado em espaços ‘reduzidos’: a paisagem agreste nordestina, os engenhos de açúcar, o pampa gaúcho. Em tais cenários, cria-se um microcosmo em função do qual vão se definindo as condições históricas e sociais das personagens, onde é possível detectar a correlação funcional entre os ambientes, as coisas e os comportamentos. (Santos e de Oliveira, 2001, p.78-79).

No caso da obra *Rua do Siriri*, o espaço reduzido se constitui os logradouros públicos representativos da toponímia urbana de Aracaju nas décadas 1910-1920, quais sejam: ruas, avenidas, bairros, praças e pontes, caracterizando uma similaridade com o espaço real.

Quanto à função literária dos nomes próprios referentes aos espaços públicos selecionados, apresentamos as dualidades do ato de nomear e do ato de usar o nome, ou seja, a teoria dos dois atos, propostas por Gybka (2018), e representadas pelas funções: dêitica, identificação alternativa, simbolização, caracterização, mitificação, associação ou alusão, classificação, estética, verossimilhança e transgressão. Também funções literárias dos nomes de lugar podem ser assinaladas, tomando por base textos como Seide (2023), Dvoráková (2018), Gybka (2018) e Amaral e Seide (2020).

Das dez funções literárias apresentadas por Seide (2023), por exemplo, foram identificadas cinco na obra de Fontes (1937), das quais adaptamos para serem aplicadas a topônimos ficcionais: a) *caracterização*, de natureza semântica e descritiva: ocorre quando um topônimo em contexto ficcional tem por função caracterizar o espaço nomeado; b) *classificação*: para Amaral e Seide (2020), são usos que mimetizam como os nomes de lugar são utilizados em contextos não ficcionais e seu efeito depende do

⁴ Aceitamos o argumento de (Machado, 2005, p. 144), para quem a linguagem literária constitui tanto o fato das palavras acumuladas na história quanto o próprio sistema da língua. Na ficção, há essa coisa estranha, no interior da linguagem, essa configuração da linguagem que se detém em si própria, se imobiliza e constrói um espaço que lhe é próprio. A literatura não é exatamente nem a obra, nem a linguagem. A literatura não é a forma geral, nem o lugar universal onde se situa a obra de linguagem, mas, de certo modo, um terceiro termo, o vértice de um triângulo por onde passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem.

reconhecimento desta convergência por parte do leitor; c) *associação (ou alusão)*, tendo o nome de lugar função associativa ao nome aludido: o conhecimento enciclopédico se faz necessário para compreensão por parte do leitor; d) *simbolização*, quando o nome de lugar promove uma associação com fatos ocorridos ou imaginados; e) *verossimilhança*, são nomes de lugar criados em consonância com topônimos reais da época e do ambiente retratado no romance, também dependendo do conhecimento enciclopédico do leitor.

Desse modo, a análise do texto-fonte e sua correlação com a base bibliográfica e documental no que diz respeito à analogia dos espaços reduzidos, quais sejam os espaços sociais ficcionais e os espaços sociais na realidade da cidade de Aracaju na primeira metade do Século XX é importante para subsidiar a análise mimética e memorialista desses topônimos, bem como as suas funções literárias e a percepção do leitor atual (tempo da leitura da obra) e o leitor contemporâneo (tempo da escritura da obra).

2.1 ONOMÁSTICA LITERÁRIA: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Seres e objetos são designados, agrupados por traços distintivos e rotulados em face da dinâmica social, sendo este fenômeno o fato gerador do léxico de línguas naturais. Essa ação de nomeação relaciona a cognição da realidade com a categorização de experiências através das palavras, tendo como referencial símbolos ou signos linguísticos. Os sistemas classificatórios das línguas naturais levam em consideração a conceptualização da realidade de forma ordenada e estruturada de categorias léxico-gramaticais identificadas pelo patrimônio vocabular dos falantes ao longo da história (Biderman, 1998).

O estudo do léxico de uma língua se dá diversamente, dentre as quais a lexicologia, a lexicografia e a terminologia. A lexicologia tem como objeto de estudo a palavra, a categorização lexical e a estruturação lexical. No estudo da palavra pode-se considerar os contextos envolvidos ou as relações linguísticas e extralinguísticas (Biderman, 1998). Nesse sentido, a Onomástica insere-se na Lexicologia, considerando os nomes próprios como objeto de análise que merece tratamento específico. Conforme assinala Dick (1990),

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob

formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (Dick, 1990, p. 19).

Mesmo que se identifiquem diversos tipos de nomes próprios, como de produtos (oniônimos) e de comércio (crematônimos), a Onomástica tem sido dividida, na literatura tradicional, em duas subáreas: a Antroponímia (ou Antroponomástica), que trata de nomes de pessoas; e a Toponímia (ou Toponomástica), que diz respeito aos nomes de lugares. Por analogia, infere-se que Onomástica literária trata dos nomes próprios de natureza literária, com foco mais específico num ou noutro tipo de nome, a depender da obra literária e dos interesses do crítico (Cavill, 2016).

Estudos em corpora não ficcional são incipientes e relativamente recentes no Brasil. Geralmente a análise toponímico-literária vale-se das relações linguísticas e extralinguísticas dos nomes ficcionais para o entendimento de contexto histórico, das condições sociais, do contexto, das motivações do ato de nomear, dentre outros aspectos (Smith, 2016). A Onomástica literária é um tipo de análise que se baseia na teoria linguística e que é, ao mesmo tempo, específica e sistemática, tendo forte relação com a Memória e com a História. Sendo uma obra de caráter histórico, *Rua do Siriri* caracteriza a rua como fio condutor de uma posição social e a verossimilhança ao demonstrar que nomes de lugares, na ficção, podem dialogar com topônimos reais. Dick (1997) assim assinala o papel dos nomes de ruas na dinâmica social urbana:

A rua é um ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. Para ela tudo converge, desde o fato corriqueiro do dia-a-dia, o simples entra e sai das casas até as grandes comemorações solenes ou festivas (Dick, 1997, p. 133).

A organização – e, por consequência, as nomeações ordenadas – dos logradouros da cidade de Aracaju, gerada pelo projeto urbanístico do Engenheiro Basílio Pirro na segunda metade do século XIX, é, portanto, um ponto de partida de análise. Para melhor compreender quais conceitos, objetos e métodos têm sido utilizados na Onomástica Literária nacional, procedeu-se a uma revisão da literatura baseada nas produções acadêmicas que abordaram o a toponímia ficcional. Observou-se logo a escassez de estudos onomástico-literários no Brasil e a ausência estudos desse escopo no Estado de Sergipe. O levantamento dessas publicações, com intuito de reforçar a fundamentação teórica, está disposta no quadro abaixo.

Quadro 2: Obras publicadas sobre Toponímia Literária no lapso temporal 2009 a 2024

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO / DO ARTIGO	ESCOPO DO ESTUDO	REFERÊNCIA
Onomástica literária e representação espacial como ancoragem de memória: Topônimos na obra <i>Baú de ossos</i> , de Pedro Nava	O autor apoia-se no topônimo para preencher o espaço do entorno com suas memórias. Durante a infância, dois lugares marcaram a primeira década do Século XX: a Rua Direita, em Juiz de Fora, e a Rua Aristides Lobo, no Rio de Janeiro. Em cada cidade, um topônimo serve de ancoragem e o fio da memória vai, lentamente, cosendo essa representação do real, a juntar o topônimo às memórias de tais espaços para compor uma imensa colcha de retalhos.	Silva e Jayo (2023)
Nomes próprios no romance contemporâneo o <i>Berro do cordeiro</i> em Nova Iorque: Um estudo onomástico exploratório	Propõe uma comparação da nomeação ficcional contemporânea em relação à nomeação contemporânea em sociedade, ressaltando num continuum de nomes muito ou poucos miméticos em relação a muito ou pouco conotativos as diferentes funções linguísticas e literárias dos onomas - antropônimos, topônimos e panteônimos - imersos no discurso híbrido do romance brasileiro <i>O berro do Cordeiro</i> em Nova Iorque, de Tereza Albués (1995)	Camargo (2018)
Guia de ruas, (bairros) e mistérios: A toponímia como elemento identitário em <i>Bahia de todos os Santos</i>	Apresenta o vocabulário toponímico presente na obra <i>Bahia de todos os Santos: Guia de ruas e bairros</i> .	Brandão (2015)
De Gonçalo Gonçalves a General Câmara, topônimos soterrados: Pedro Nava e a memória que descansa sob asfalto de larguíssima avenida	As ruas que cortam uma cidade guardam diferentes histórias. O topônimo fixado ali torna-se uma pista para que seja(m) desenterrada(s) a(s) memória(s) do lugar. Ao escrever em sua obra memorialística <i>Baú de Ossos</i> sobre a rua hoje extinta cujo derradeiro nome foi General Câmara, o escritor Pedro Nava nos conta histórias da cidade velha do Rio de Janeiro que não estão mais ancoradas na paisagem local. Guiado pelo livro de Nava, este trabalho percorre essa rua buscando a relação entre os diferentes topônimos mencionados pelo autor e o passado da via e da cidade, além de precisar o que foi destruído para a construção de uma avenida – e o que se mantém até hoje.	Silva e Jayo (2023)
Onomástica literária: Análise dos antropônimos e topônimos em <i>Cacau</i>	Em <i>Cacau</i> (1934), Jorge Amado narra a história dos homens e das mulheres ligados, pelas relações de trabalho ou de propriedade, à produção de cacau. Discute tais relações que subjazem da dinâmica do cultivo e comercialização dos produtos advindos da lavoura cacauzeira. Neste artigo, analisam-se os antropônimos e os topônimos documentados. Os nomes integrantes do <i>corpus</i> foram classificados em nomes oficiais, alcunhas/apelidos e sobrenomes e apresentados em fichas lexicográficas contendo informações etimológicas e o contexto de sua ocorrência no romance analisado. Os topônimos foram classificados em consonância a sua natureza motivacional, conforme postula Dick (1990).	Cruz e Teixeira (2022)
Toponímia e literatura: o nome do rio como referência no conto <i>Gente da gleba</i>	O foco é o conjunto de hidrônimos que são mencionados no conto “Gente da Gleba”, texto publicado no livro “Tropas e Boiadas”, de Hugo de Carvalho Ramos. Os hidrônimos são como pontos no mapa pelo qual os personagens se locomovem e se orientam face ao desenrolar da narrativa. Espera-se contribuir para os estudos toponímicos, principalmente no que refere à relação entre tais estudos e a literatura goiana a fim de demonstrar como os nomes de lugares se entrelaçam aos costumes e anseios dos personagens.	Guimarães e Siqueira (2018)
Interface dos estudos toponímicos com a Literatura em	Para o real conhecimento da língua de um grupo humano, é preciso observar também a sua história, costumes e o ambiente em que ele vive. As relações língua-cultura-sociedade estão refletidas na língua e, a partir de seu estudo,	Ananias e Zamariano (2014)

Iracema de José de Alencar	principalmente no nível lexical, observamos aspectos valorizados e até as condições de vida impostas a ele pelo meio físico. Os topônimos são as unidades lexicais nomeadoras de lugares, estudados pela Toponímia. O objetivo deste trabalho é a análise de <i>Iracema</i> , escrita por José de Alencar.	
Toponímia rosiana	Este artigo discorre sobre os topônimos no contexto de Grande Sertão: Veredas, romance sobre o qual se apresenta levantamento da toponímia presente, seja real ou imaginária. Foram catalogados 462 topônimos de taxés variadas, cuja classificação segue as taxionomias toponímicas expostas por Dick (1990) e divididas em natureza física e antropocultural, que comportam tipologias específicas. As taxés representam, assim, os principais padrões motivadores para a escolha do topônimo.	Tondineli (2012)
Interface Onomástica/Literatura: A toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra memórias da rua do Ouvidor, de Joaquim Manuel de Macedo	A partir do resgate memorialístico e histórico faz um estudo toponímico do centro antigo do Rio de Janeiro a partir da obra rua do Ouvidor para observar se há verossimilhança com o espaço geográfico real.	Carvalhinhos (2009)

Fonte: Elaboração do autor (2025).

Os dados do Quadro 2, de Revisão da Literatura, assinalam que a Onomástica literária no Brasil constitui um campo de estudo interdisciplinar que entrelaça a Onomástica, a Literatura, a Geografia e a História. Ela permite a análise da forma como os topônimos (e por vezes os antropônimos em conjunto) são utilizados em contextos ficcionais e memorialísticos. Há uma diversidade de abordagens na investigação dos nomes próprios em obras literárias, que variam desde a sua classificação taxionômica até seu papel na construção do espaço narrativo e da memória, destacando suas funções linguísticas, socioculturais e identitárias, o que proporciona um olhar para o papel desses nomes na construção narrativa e na representação da memória espacial.

Por exemplo, os estudos de Silva e Jayo (2023) e Silva (2023) sobre a obra de Pedro Nava enfatizam a relação entre os topônimos e a ancoragem da memória. Os nomes das ruas em Juiz de Fora e no Rio de Janeiro tornam-se elementos estruturantes da narrativa, funcionando como pontos de conexão entre passado e presente. Esse viés memorialístico também se faz presente na análise da obra de Joaquim Manuel de Macedo (Carvalhinhos, 2009), que busca a verossimilhança entre a toponímia literária e a espacialidade real do Rio de Janeiro do século XIX. Destacam-se as denominações espontâneas de arruamentos que com o tempo e a conveniência são mudadas pelo Poder Público no centro velho do Rio de Janeiro.

A classificação dos topônimos é uma abordagem recorrente, conforme observado nos estudos *Toponímia rosiana* (Tondineli, 2012) e *Onomástica literária: Análise dos antropônimos e topônimos em Cacau* (Cruz e Teixeira, 2022). Em ambas as pesquisas, segue-se a proposta taxionômica de Dick (1990), distinguindo topônimos de natureza física e antropocultural. Em *Cacau*, a classificação permite identificar a intersecção entre os nomes de lugares e as relações sociais estabelecidas no contexto da lavoura cacauzeira. Há, inclusive, nomes da geografia sergipana listados, como Sergipe e São Cristóvão para caracterizar locais religiosos. Já no estudo sobre a literatura de Guimarães Rosa, a autora verifica que os topônimos extraídos da obra se enquadram em 17 categorias das taxes de Dick, e em cada uma delas disponibiliza a etimologia da palavra, bem como expõe a riqueza do linguajar no norte mineiro e assevera ser a língua parte irrefutável da História.

A relação entre a toponímia e a identidade cultural está presente na análise da obra *Bahia de todos os Santos* (Brandão, 2015), que cataloga topônimos da cidade de Salvador e os associa às práticas socioculturais locais. Essa conexão entre o nome e a identidade também se dá em *Toponímia e literatura: o nome do rio como referência no conto Gente da gleba* (Brandão, 2018), no qual hidrônimos são analisados como elementos estruturantes da narrativa e da relação dos personagens com o espaço: os 108 topônimos extraídos da obra de Jorge Amado são divididos em topônimos da cidade baixa e topônimos da cidade alta, organizados em fichas lexicográfico-toponímicas, tal qual procedemos neste estudo.

Outra abordagem interessante é a que busca entender a mimese na onomástica ficcional. O trabalho *Nomes próprios no romance contemporâneo O berro do cordeiro em Nova Iorque* (Camargo, 2018) propõe um continuum entre nomes miméticos e conotativos, explorando como a nomeação literária reflete ou subverte padrões sociais de nomeação. Camargo (2018) exprime as funções estabelecidas pelos onomas a partir da classificação em muito e pouco mimético e pouco e muito conotativo. Também a interface entre toponímia, literatura e meio ambiente é um aspecto central em *Interface dos estudos toponímicos com a Literatura em Iracema* (Ananias e Zamariano, 2014), de modo que os acidentes geográficos mencionados revelam a presença de lexias tupis e sua relação com a construção do imaginário territorial indígena.

Por fim, destaca-se a importância da investigação das motivações do ato de nomear, evidenciada no estudo *De Gonçalo Gonçalves a General Câmara* (Silva e jayo, 2023). A pesquisa mostra como os topônimos podem ser apagados da paisagem urbana,

mas mantidos na memória e na literatura, com a função de marcadores históricos de transformações urbanas e sociais. Dessa forma, a toponímia literária no Brasil se configura como um campo interdisciplinar de investigação que permite explorar aspectos linguísticos, culturais, históricos e espaciais, e que reforça a importância dos nomes de lugares na constituição da identidade e da memória coletiva.

A quase totalidade das obras listadas relacionam a toponímia, a literatura e a memória com os aspectos sócio-históricos, os geográficos e os culturais que circundam a perspectiva analítica dos autores. Carvalhinhos (2009), Brandão (2018) e da Silva (2013) analisam os topônimos de natureza humana caracterizadores dos logradouros públicos ruas, avenidas, largos, beco e bairros. Também a investigação sobre as motivações do ato de nomear, bem como os elementos extralinguísticos envolvidos na prática denominativa. Nesse sentido, o espaço social representado pelos topônimos urbanos, na obra fontiana, serve de motor para a memória quando movido pela curiosidade ou pela lembrança do leitor que através da análise toponímico-literária torna perceptível aspectos linguísticos e extralinguísticos que possibilitam analisar a relação entre o real e o fictício na microtoponímia urbana de Aracaju no início do século XX.

2.2 MICROTOPONÍMIA URBANA: RELAÇÃO ENTRE O REAL E O FICCIONAL

Já se argumentou o quanto a toponímia pode ser uma importante ferramenta de reconstrução sócio-histórica, linguística e geopolítica. Nesse sentido, a origem do nome e as suas mutações ao longo do tempo remetem para a identidade e a memória de um povo. Candau (2011) considera a memória como uma faculdade, em relação às memórias individuais, a divide em três grupos, a saber: a protomemória (memória de baixo nível); a memória propriamente dita (memória de alto nível); e a metamemória (representativa das faculdades anteriores). Observa-se que, na obra *Rua do Siriri*, predomina a memória propriamente dita enquanto mecanismo de recordação ou reconhecimento, no caso em tela do espaço social, relacionando-se intimamente aos conhecimentos enciclopédicos que o leitor deve possuir para avaliar se a narrativa torna a realidade da cidade de Aracaju demonstrável.

Na obra *Rua do Siriri*, alguns locativos soam incomuns ao aracajuano contemporâneo, visto que, por razões políticas, foram renomeadas sistematicamente.

Exemplo disso são a rua do Fogo, a rua do Barão, a rua do Bonfim, a Fundação, o Saco, registrados nas fichas lexicográfico-toponímicas (vide Apêndice A).

Os locativos listados em *Rua de Siriri* constituem, quase totalmente, a microtoponímia urbana aracajuana. Amando Fontes foi duplamente influenciado pelo ambiente em que estava inserido ao se valer dos nomes de ruas, avenidas, praças e bairros da geografia urbana da jovem capital sergipana. Extraiu-se da obra nomes de dezenove ruas, duas avenidas, três praças, cinco bairros, uma ponte e oito nomes de outros elementos geográficos que expressam o encontro de ruas, um arraial e um lugar onde se encontrava um depósito de querosene que assumia o papel de logradouro, atualmente conhecido como *Curva do Iate*. Nos quarenta e dois topônimos, encontram-se nomeações tanto espontâneas quanto sistemáticas.

A cidade de Aracaju sai da condição de Arraial em meados do século XIX: criada como Distrito pela Lei Provincial nº 437, de 23 de agosto de 1837, e elevada à categoria de município e capital do Estado de Sergipe, pela Lei Provincial nº 473, de 17 de março de 1855. Aracaju não tinha sequer arruamentos, então, o que ocorrerá apenas em 1857, quando o Engenheiro José Basílio Pirro põe em prática o projeto inovador de urbanização conhecido como ‘Tabuleiro de Pirro’. Os benefícios da urbanização, contudo, ainda não tinham alcançado a rua de Siriri, já que os trabalhos de melhoramento da Avenida Barão de Maruim só começaram em 1920, como demonstra registro fotográfico daquela década a seguir:

Figura 1: Avenida Barão de Maruim em 1920



Fonte: Arquivo Público de Aracaju (1920).

Na parte 2 da obra, Fontes descreve essa rua sem os melhoramentos, que só ocorreriam adiante, conforme se apresenta:

Comprida, tortuosa, ora larga, ora estreita, a Rua de Siriri se estendia desde o Alto de São Cristóvão até a Avenida Barão de Maroim. Mas o seu trecho principal, porque mais habitado, ia da Rua de Laranjeiras até a da Estância.

Aí não existiam mais casas de palhas. Eram de taipa ou de tijolo cobertas de telhas. Às vezes pequeninas, porta e janela apenas, sem reboco, pouco mais altas que um homem. Outras, melhores, bastante largas, acampadas, com grandes beirais, frequentados pelas andorinhas quando em setembro soprava o vento sul. Aqui é ali, uma construção mais nova, com platibanda e enfeitada de corridas, dava ao local um tom mais elegante e mais alegre.

Não havia, em toda a extensão da rua, mais do que cinco moradias conservando os passeios no mesmo nível. Em geral, a um muito alto sucedia outro baixíssimo. E muitas habitações, mesmo, não possuíam meio metro de calçadas sequer.

Entre o Alto de São Cristóvão e a esquina de Itaporanga, tinha o leito arenoso e extremamente irregular. Não raro, pequenas dunas se elevaram, nos lugares onde mais escasseavam as construções. A areia era fofa, esbanquicenta, pontilhada de pequenos defeitos pardos, negros.

Daquele ponto até chegar à Avenida estendia-se uma grande baixa de terra escura e alagados, onde cresciam a grama e o mata-pasto.

A casa que Mariana e Esmeralda encontraram para alugar achava-se situada entre as Ruas de Propriá e Laranjeiras. Dispunha de uma sala na frente, um longo corredor, marinando três quartos apertados, um pequeno compartimento, onde faziam as refeições, e num puxado de taipa, situado nos fundos, mais outro quarto e a cozinha.

Era baixa, calçada de tijolos muito gastos, e tinha as paredes pintadas de cal, com uma barra de piche estreita e desbotada, a servir de rodapé.

No grande quintal, que alcançava a Rua do Rosário, subia ao sol um velho tamarineiro de grande copa verde-clara, um pé de romã quase sem folhas e duas ou três mirradas goiabeiras, onde sanhaços e sabiás constantemente vinham pousar, à cata de alimento. (Fontes, 1937, p. 11-12).

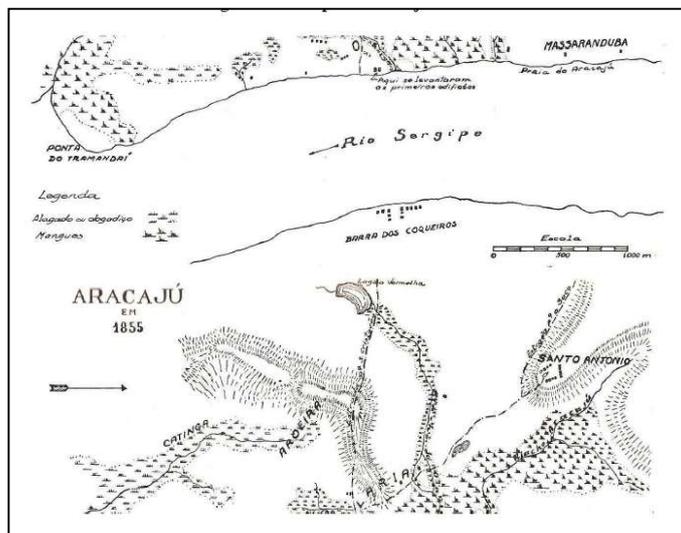
O leitor que à primeira vista se depara com o recorte da obra acima, se descontextualizada, afirmará se tratar de uma descrição da rua do Siriri antes do processo de urbanização. Contudo, percebe-se, ao longo da narrativa e com o cotejo sócio-histórico, que Fontes foi, em grande parte, fidedigno não só com a exposição dos logradouros, mas com toda a ambientação. Assim, a obra literária Rua do Siriri permite reconstruir o processo de urbanização de Aracaju, como declara Eagleton (2006, p.19): “Todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’”.

Na relação entre o real e o ficcional, inevitavelmente far-se-á um diálogo interdisciplinar com a memória e a história do lugar, sendo o passado parâmetro para a analogia no que diz respeito à preservação, recuperação ou renomeação do nome de lugar, conforme atesta Faggion (2014). A memória é baseada na experiência, e a história é construída a partir de fatos e conhecimentos pretéritos. Na literatura nesse sentido, percebe-se que as denominações utilizadas pelo autor apresentam as funções memorialista e mimética quando analisadas dentro do espectro do Catálogo de Logradouros Públicos de Aracaju.

Fez-se um estudo pancrônico acerca da cidade Aracaju a partir de 1855 aos dias atuais quanto aos nomes antigos de Aracaju com o intuito de entender o processo formador e expansivo aracajuano no que diz respeito à urbanização, em especial a formação e expansão dos logradouros públicos. *Ará-acayú*, o cajueiro dos papagaios, em tupi (Sampaio, 1901, p. 111), era um local pantanoso e sem estrutura urbana e sanitária começa a receber os Órgãos da Administração Pública. Havia uma elite canavieira na região e os servidores públicos foram seus primeiros moradores. Na gênese da cidade, em 1855, existiam apenas três zonas distintas: o Santo Antônio, o Olaria e a Barra do Rio Poxim. conforme ilustra a Figura 2.

A falta de estrutura urbana, aliada aos aterramentos e à dizimação de áreas verdes para a alocação de prédios públicos, residências e armazéns, ocasionaram um colapso na higiene e saúde pública da jovem capital ocasionados por uma epidemia de cólera e febre amarela no início do século XX. Por exemplo, houve mais de vinte mil mortes em Sergipe e Aracaju nos idos de 1918 (Cruz, 2013, p. 59).

Figura 2: Ilustração de Aracaju no fim do Século XIX



Fonte: Porto (2003, p. 18).

A figura 2 permite identificar que Aracaju não era uma cidade efetivamente urbanizada quando de sua elevação à condição de capital, porém o Presidente da Província na época, Inácio Barbosa, acreditou ser a melhor opção quando comparadas a cidades com Maroim e Laranjeiras, pois a localização era privilegiada e estratégica para o escoamento da cana-de-açúcar produzida principalmente nos dois municípios citados (Freire, 1891).

O processo de urbanização de Aracaju inicia-se com os serviços de limpeza, preparação e demarcação do solo para a inserção dos arruamentos idealizados pelo Engenheiro Basílio Pirro, o famoso tabuleiro contou com 32 quadras simétricas de 110m x 110m (55 braças de lado), separados por vias de medidas iguais de 13,20 metros (60 palmos), prevendo uma extensão do projeto para 1.188 metros (540 braças) iguais nas direções norte, oeste e sul a partir da atual Praça Fausto Cardoso (Cruz, 2013 p. 40). Tal projeto foi considerado inédito e diferente do que era visto em Sergipe e no Brasil. Dessa forma, a cidade começa um processo de expansão ao longo dos anos e hoje dez logradouros públicos, quais sejam ruas, rua/avenida, avenida, via pública, travessa, alameda, arterial, largo, elevado, marina e sem denominação, totalizando 1559 logradouros, mais 132 praças e 35 bairros.

À época do processo de urbanização de Aracaju, o mundo passava por uma guerra mundial que durou 4 anos, de 1914 a 1918 e o Brasil participou do combate no lado da Entente na Europa, por conta do afundamento de um navio mercante, o Paraná, em abril de 1917, pelos submarinos alemães. Aliado à guerra tivemos também as problemáticas com os surtos epidêmicos entre 1910 e 1920, não só de febre amarela, mas também cólera e síndromes gripais.

Quadro 3: Quantidade de logradouros públicos em Aracaju em 2013

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
1	Catálogo	Ruas	Rua/Av	Avenida	Via públic	Travess	Alameda	Arterial	Largc	Elevado	Marina	Sem denominaç
2	A	167	0	22	1	3	6	0	0	0	0	0
3	B	24	0	3	0	1	1	0	0	0	0	0
4	C	67	0	11	0	3	0	1	3	0	0	0
5	D	45	0	4	0	4	0	0	3	0	0	0
6	E	75	0	3	0	0	0	0	1	0	0	0
7	F	54	0	11	0	2	0	0	1	0	0	0
8	G	50	1	7	0	3	1	0	3	0	0	0
9	H	34	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
10	I	19	0	2	0	2	0	0	0	0	0	0
11	J	285	0	18	0	10	0	0	7	0	0	0
12	K	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
13	L	56	0	3	0	3	0	0	0	0	0	0
14	M	179	0	14	0	14	1	0	2	0	0	0
15	N	19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16	O	35	0	3	0	0	0	0	0	1	0	0
17	P	69	1	3	0	0	2	0	2	0	0	0
18	Q	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19	R	42	0	3	0	2	0	0	1	0	0	0
20	S	35	0	7	0	3	0	0	0	0	0	1
21	T	26	0	4	0	3	0	0	0	0	1	0
22	U	8	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
23	V	21	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0
24	W	13	0	2	0	0	0	0	1	0	0	0
25	Y	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26	Z	9	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0
27	TOTAL	1335	2	128	1	54	11	1	24	1	1	1

Fonte: Adaptada dos dados de CLPAju (2013).

Melins (2007) é só um dos autores que descreve Aracaju como uma “cidade menina”. Os textos que reconstroem, de forma memorialística, aquela Aracaju descrevem o comércio, as praças, os festejos populares, os cinemas, o circo, os transportes, os espaços públicos, os tipos populares, as serenatas, as orquestras, as praias, os hotéis, boates e cassinos, o curral, o desmanche do Bonfim, como locais e eventos históricos característicos dos anos 1920 a 1950. Por exemplo, um topônimo cuja designação foi espontânea e dialoga diretamente com a rua do Bonfim, presente no corpus, é o *Morro do Bonfim*, que, nas palavras de Melins (2007), era o ponto central do meretrício e localizava-se em um morro de areias alvas, como demonstra a Figura 3.

Figura 3: Registro fotográfico do Morro do Bonfim na década de 1940



Fonte: Arquivo Público Municipal.

O desmanche do morro ocorreu em 1956, atualmente funciona o Terminal Rodoviário Governador Luiz Garcia e a região ainda conserva o hábito da prostituição, seja das mulheres captando clientes nas esquinas, ou em alguns meretrícios que funcionam após o fechamento do comércio da região central de Aracaju. Outro topônimo que dialoga com o da obra Rua de Siriri é a Atalaia Velha, que até a década de 1930 era uma praia de difícil acesso, com suas casas de veraneio e a energia elétrica era gerada por um motor a diesel (Melins, 2007, p. 272).

Porto (2003) expõe a dificuldade em identificar a nomenclatura primitiva dos nomes de lugar em Aracaju e reputa isso à falta de alguém que pudesse repassar a tradição, já que o processo inicial de urbanização se deu em uma região não habitada, e quem chegava ia criando a toponímia local. Imbuído do sentimento que o aracajuano é um triturador de topônimo, se dedicou a fazer um resgate memorialístico dos nomes de lugar do Aracaju antigo. Dos nomes de lugar que aparecem em Rua do Siriri e são descritos por Porto, citam-se por ordem de apresentação: Aribé, Rua da Frente, Rua do Barão, Carro Quebrado, Carvão, Chica Chaves e Fundição, e que confirmam que Fontes utilizou os nomes existentes para utilizá-los na sua narrativa sobre Aracaju.

Assim, os nomes de lugar em Aracaju, não só dos logradouros públicos, mas nomes próprios relativos a pessoas, festas, estabelecimentos comerciais, festejos populares dentre outros, reconstruem a memória e a identidade do povo sergipano através das manifestações da língua escrita. Dessa forma, nesta seção traz-se as relações entre o real e o fictício para corroborar o fato do autor utilizar-se de nomes já existentes na geografia urbana de Aracaju.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O texto-fonte para a extração do corpus referente aos nomes de lugar é a obra *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, cujo objetivo é a catalogação e a análise dos nomes de lugar referentes a todos os logradouros públicos presentes na obra. Com relação ao levantamento pancrônico dos nomes de lugar a partir do ano de 1918 tratamos de forma minuciosa todos os topônimos tanto no espaço da narrativa quanto no espaço geográfico, porém a atenção maior foi dada aos logradouros públicos analisando-os, relacionando-os e atualizando-os.

O levantamento dos nomes de lugar na geografia local foi feito através das plataformas de consultas possíveis, quais sejam: o Catálogo de logradouros públicos publicado pela Empresa Municipal de Obras e Urbanização através da Divisão de Fiscalização de parcelamento do Solo no ano de 2013, a legislação urbanística referente às nomeações dos logradouros tais como ruas, avenidas, bairros, praças, via pública, alameda, arterial, largo, marina e os sem denominação extraída do site da Prefeitura Municipal de Aracaju, pois cada nomeação surge a partir de um processo legislativo na Câmara de Vereadores a exemplo da nomeação da rua Amando Fontes, criada pela Lei nº 28, de 23 de setembro de 1968, mapas e jornais da época nos Arquivos Público do Estado de Sergipe e do Município de Aracaju, bem como livros e trabalhos acadêmicos diversos.

Identificou-se na narrativa zonas limítrofes nos extremos da cidade de Aracaju: a leste, o rio Sergipe; a norte, o bairro Santo Antônio; a oeste, o Aribé (atual bairro Siqueira Campos); e ao sul, a Atalaia. Far-se-á uma atualização e contextualização dos topônimos extraídos da obra. A pesquisa tem caráter descritivo e exploratório, de base bibliográfica e documental a fim de proceder a uma análise de conteúdo diverso: documentos públicos digitais e físicos. Valeu-se de métodos de procedimento histórico, comparativo e estatístico para comprovar a importância da toponímia como instrumento elucidador das influências sofridas pelo nomeador, bem como apontar as funções memorialista e mimética. O método de abordagem utilizado foi quali-quantitativo, baseado na indução, ao relacionar os nomes de lugar no espaço da narrativa da obra *Rua do Siriri* ao espaço geográfico real de Aracaju.

Nesta seção, trataremos da metodologia aplicada na coleta dos dados extraídos da fonte primária, que num primeiro momento utilizou tecnologias aplicadas a codificação e tratamento. Estudos sobre nomes próprios são, como assinala a historiografia,

milenarios: Platão, por exemplo, no Crátilo, se preocupou com o significado dos nomes (Smith, 2016). Isso se dá pois o ato de nomear entidades como lugares e pessoas é uma prática social própria à espécie humana. A Onomástica, tradicionalmente subdividida em Toponímia e em Antroponímia, é o produto da disciplinarização da consideração de que esses tipos de nomes devem ser compreendidos com atenção. É sabido que

Os nomes, portanto, não tem significado isolado (Russel 1973: 118), mas assumem significados descritivos definidos a partir de contextos apropriados de experiência direta ou indireta. Funcionam de forma muito semelhante aos demonstrativos “isto” e “aquilo” referindo-se a proposições sobre coisas com as quais o falante já está de alguma forma, familiarizado (Smith, 2016, p. 298).

Com a filiação do que tem sido chamada Toponímia Literária, esta pesquisa se interessa por nomes de lugares em obras literárias. Nesta subseção, ao buscar responder à pergunta *Como os nomes de lugar em obras literárias têm sido tratados como objeto de pesquisa no Brasil entre 1990 a 2024?*, desenvolveu-se uma revisão de literatura, com a descrição e a análise de bases teóricas utilizadas nos estudos toponímicos. Valeu-se de bases de consulta como o *Google Scholar*, o aplicativo *Publish or Perish 8* e a Plataforma Lattes. Foram encontrados seis artigos relacionados com toponímia, literatura e memória, a saber: Carvalhinhos (2008) relaciona a toponímia com a memória, Carvalhinhos; (2009) a partir da leitura da obra “Memórias da rua do Ouvidor”, de Joaquim Manuel de Macedo, resgatar através dos topônimos elencados a relação entre o espaço e a memória do Rio de Janeiro a partir do final do século XIX, Tondineli (2012) analisa os topônimos encontrados no romance Grande Sertão: Veredas, utilizando a abordagem de Dick; Zamariano e Ananias (2015) aplicação do embasamento teórico-metodológico relativo à Toponímia na obra Iracema, de José de Alencar; Guimarães; Siqueira (2018) Análise do conjunto de hidrônimos que são mencionados no conto “Gente da Gleba”, texto publicado no livro “Tropas e Boiadas”, de Hugo de Carvalho Ramos; Teixeira e Cruz (2022) Análise dos antropônimos e dos topônimos documentados na narrativa ficcional e Silva e Jayo (2023) Analisa os topônimos relacionados às ruas na obra memorialística “Baú de ossos”, de Pedro Nava; Camargo (2018) analisa os topônimos e antropônimos na narrativa ficcional O berro do cordeiro em Nova Iorque, de Tereza Albues; Brandão (2018) analisa os topônimos na obra ficcional Guia de ruas, (bairros) e mistérios, de Jorge Amado.

Após a extração do corpus fez-se a divisão dos logradouros públicos em ruas, avenidas, praças, bairros e ponte para em seguida preencher as fichas lexicográfico-toponímicas com o topônimo, o termo genérico, o termo específico, variante(s)

linguística(s), acepção(ões) semântica(s), sua estrutura morfológica, histórico do topônimo, informações enciclopédicas, a função literária do topônimo, o tipo de nomeação, a presença do termo no catálogo, contexto das citações, número de ocorrências das citações e fac símile dos logradouros nos mapas selecionados, quando possível.

A seguir, apresenta-se o modelo de ficha lexicográfico-toponímica adotada.

Quadro 4: Modelo de Ficha Lexicográfico-Toponímica

FICHA N°
Topônimo:
Termo genérico:
Termo específico:
Variante(s):
Acepção semântica:
Etimologia:
Estrutura morfológica:
Histórico do topônimo:
Informações enciclopédicas:
Função literária do topônimo:
Tipo de nomeação:
Presença do termo no catálogo:
Contexto da primeira citação:
Número de ocorrências:
Fac símile:

Os campos dispostos no Quadro anterior dizem respeito às seguintes informações a serem preenchidas nas Fichas apresentadas no Apêndice A.

- **TOPÔNIMO:** Vocábulo designador do nome de um lugar. No corpus de base, apresentam-se os vocábulos que designam os logradouros públicos, quais sejam ruas, avenidas, praças, bairros e ponte.
- **TERMO GENÉRICO:** Designa o tipo desse elemento geográfico antrópico.
- **TERMO ESPECÍFICO:** O topônimo propriamente dito desse termo genérico.
- **VARIANTE(S):** Apresenta possíveis variantes para esse signo toponímico listado na obra. Essas variantes podem ser em quaisquer níveis de análise – fono-ortográfica, morfossintática ou lexical.
- **ACEPÇÃO SEMÂNTICA:** significado do termo específico, registrado em obras lexicográficas diversas.
- **ETIMOLOGIA:** Apresenta a origem linguística dos itens lexicais do topônimo.
- **ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Indica a classificação gramatical dos itens linguísticos do termo específico.
- **HISTÓRICO DO TOPÔNIMO:** Apresenta possíveis nomes anteriores desse topônimo.
- **INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Informações de caráter extralinguístico acerca da localidade ou mesmo do signo linguístico.

- **FUNÇÃO LITERÁRIA DO TOPÔNIMO:** Indica se a função é memorialista ou mimética.
- **TIPO DE NOMEAÇÃO:** Indica se a nomeação é espontânea ou sistemática.
- **PRESENÇA DO TERMO NO CATÁLOGO:** Indica se o topônimo se encontra registrado no catálogo de logradouros públicos de Aracaju de 2013. Houve a catalogação dos topônimos ficcionais por tipo de espaço social e, em seguida, a certificação se tais topônimos existem atualmente ou existiram em algum momento do lapso temporal de 1933 (ano da publicação da obra) aos dias atuais para subsidiar a análise toponímica do texto-fonte.
- **CONTEXTO(S) DA CITAÇÃO:** O(s) contexto(s) em que os topônimos foram citados na obra.
- **NÚMERO DE OCORRÊNCIAS:** A quantidade de vezes que o topônimo aparece na obra Rua de Siriri.
- **FAC SÍMILE:** Imagem do nome do logradouro público no mapa ou planta da cidade de Aracaju.

Por fim, a análise busca, a partir dos dados codificados, analisar aspectos linguísticos e extralinguísticos relativos aos nomes dispostos no corpus. É o que se faz na seção a seguir.

4 ANÁLISE TOPONÍMICA DA OBRA RUA DO SIRIRI

Extraíram-se 41 (quarenta e um) topônimos referentes aos logradouros públicos da cidade de Aracaju que compõem os acidentes de natureza humana quais sejam ruas, avenidas, praças, bairros e ponte, organizados por tipo de logradouro e dispostos na ordem em que aparecem na obra de Fontes. Através das fichas lexicográfico-toponímicas, verificou-se que os 42 topônimos referentes às ruas, às avenidas, às praças, aos bairros e à ponte apresentam características distintas em relação à etimologia, à função literária do topônimo, ao tipo de nomeação e à presença no Catálogo de Logradouros Públicos.

Quanto ao tipo de logradouro, os 41 topônimos encontram-se assim divididos:

- Rua: do Siriri, de Arauá, da Estância, de Propriá, de Santa Luzia, de Maroim, de Itaporanga, do Rosário, da Frente, da Vitória, do Bonfim, da Capela, do Barão, de Simão Dias, de Laranjeiras, do Fogo, do Socorro, de Geru e de São Cristóvão.
- Avenida: Barão do Maroim e Pedro Calasãs.
- Praças: do Palácio, da Matriz e Pinheiro Machado.
- Bairros: Atalaia, Aribé, Chica Chaves e Santo Antonio.
- Ponte: do Imperador.
- Termos sem denominação genérica: Carro Quebrado, Carvão, Fundação, Alto de Areia, Ato de São Cristóvão, Alto do Cruzeiro, Matadouro Velho, Saco, Manuel Preto, Aterros do Tecido e Curral do Bonfim.

Observa-se que Fontes utiliza topônimos que remetem à demonstração da realidade do tempo da narrativa no que tange à correspondência ou semelhança das nomeações dos lugares na cidade de Aracaju a partir de 1918. Percebe-se que as denominações dos lugares na narrativa ficcional fontiana, não somente os logradouros públicos que serão analisados, mas os diversos nomes de lugar utilizados pelo autor remetem à realidade, mas os analisaremos em outro momento. Da coleta dos nomes de lugares referentes aos logradouros públicos observa-se a existência de ruas, avenidas, bairros, praças e uma ponte. Tais topônimos apresentam funções memorialista ou mimética conforme apresentamos abaixo:

Quadro 5 -Logradouros públicos extraídos da obra Rua do Siriri e sua respectiva função

Ordem de ocorrência na obra	TOPÔNIMOS	FUNÇÃO
1	Rua do Siriri	Memorialista
2	Rua de Arauá	Memorialista
3	Rua da Estância	Memorialista
4	Rua de Propriá	Memorialista
5	Rua de Santa Luzia	Memorialista
6	Rua de Maroim	Memorialista
7	Rua de Itaporanga	Memorialista
8	Rua do Rosário	Memorialista
9	Rua da Frente	Memorialista
10	Rua da Vitória	Memorialista
11	Rua do Bonfim	Memorialista
12	Rua da Capela	Memorialista
13	Rua do Barão	Memorialista
14	Rua de Simão Dias	Memorialista
15	Rua de Laranjeiras	Memorialista
16	Rua do Fogo	Memorialista
17	Rua do Socorro	Memorialista
18	Rua de Geru	Memorialista
19	Rua de São Cristóvão	Memorialista
20	Avenida Barão de Maroim	Memorialista
21	Avenida Pedro Calasãs	Memorialista
22	Praça do Palácio	Memorialista
23	Praça da Matriz	Memorialista
24	Praça Pinheiro Machado	Memorialista
25	Atalaia	Mimética

26	Aribé	Memorialista
27	Chica Chaves	Memorialista
28	Santo Antônio	Mimética
29	Manuel Preto	Memorialista
30	Carro Quebrado	Memorialista
31	Carvão	Memorialista
32	Fundição	Memorialista
33	Aterros do tecido	Memorialista
34	Curral do Bonfim	Memorialista
35	Matadouro Velho	Memorialista
36	Saco	Memorialista
37	Ponte do Imperador	Memorialista
38	Alto de Areia	Memorialista
39	Alto de São Cristóvão	Memorialista
40	Alto do Cruzeiro	Memorialista

Fonte; Elaboração do autor (2025).

Os dados acima foram sintetizados para melhor compreensão dos dados no Quadro 5, que demonstra as ocorrências referentes à etimologia, à função literária do topônimo, ao tipo de nomeação e a presença ou não no Catálogo de Logradouros Públicos. Abaixo segue quadro referente à etimologia:

Quadro 6: Quadro sistemático de dados

ACIDENTE HUMANO	ETIMOLOGIA	QUANTIDADE
Rua	Tupi / Indígena	06
	Latim	05
	Espanhol	01
	Português brasileiro	07
Avenida	Português brasileiro	01
	Português brasileiro	01
Praça	Latim	02
	Português brasileiro	01
Bairro	Árabe	01
	Tupi	01
	Português brasileiro	02
Ponte	Latim	01
Termos sem denominação genérica	Português brasileiro	10
ACIDENTE HUMANO	FUNÇÃO LITERÁRIA	QUANTIDADE
Rua	Memorialista	19
Avenida	Memorialista	02
Praça	Memorialista	03
Bairro	Memorialista e mimética	05
Ponte	Memorialista	01
ACIDENTE HUMANO	TIPO DE NOMEAÇÃO	QUANTIDADE
Rua	Sistemática e Espontânea	19
Avenida	Sistemática	02
Praça	Sistemática	03
Bairro	Sistemática e espontânea	05
Ponte	Sistemática	01
Termos sem denominação genérica	Espontânea	10
ACIDENTE HUMANO	PRESENÇA NO CATÁLOGO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS	QUANTIDADE
Rua	Não	-
Avenida	Não	-
Praça	Não	-
Bairro	Sim	02
Ponte	Não	-

Termos sem denominação genérica	Não	-
---------------------------------	-----	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Percebe-se que os nomes de lugar referentes aos logradouros públicos da cidade de Aracaju trazidos na obra Rua do Siriri são verossímeis e dialogam com o contexto sócio-histórico da primeira metade do Século XX. Diante disso, a tabela acima consta os resultados obtidos quanto à etimologia, à função literária, ao tipo de nomeação e à presença no Catálogo de Logradouros Públicos de Aracaju publicado em 2013. Importante ressaltar que os nomes dos logradouros públicos surgem de duas formas distintas, ou são criados de forma espontâneas, pelas pessoas do lugar, ou de forma sistemática através de dispositivos legais do Poder Público Municipal conforme preleciona Braga (2011) os nomes de lugar revelam que são ativadores de memória.

A etimologia dos topônimos ficcionais revela a influência de palavras das línguas indígenas tupi e arauá (Siriri, Propriá, Maroim, Itaporanga, Geru, Aribé e Arauá), originado do latim (Santa Luzia, Rosário, Vitória, Capela, Barão, Fogo, Palácio, Machado, Matriz, Imperador, frente, Carvão e Velho), do árabe (Atalaia) e as demais palavras são pertencentes a língua portuguesa como Laranjeiras, Simão Dias, Socorro, Pedro Calasãs, Carro Quebrado, Fundação, Alto de Areia, Ato de São Cristóvão, Alto do Cruzeiro, Manuel Preto, Aterros do Tecido e Curral do Bonfim. Todos os topônimos elencados no tempo da narrativa, em 1918, e no ano de publicação da obra, 1937, já existiam na realidade na cidade de Aracaju, o que demonstra as influências sofridas pelo nomeador dos povos indígenas (tupi e arauá), do branco europeu (latim e espanhol) e do árabe.

Quadro 7: Funções literárias dos espaços referentes aos logradouros públicos ficcionais

FUNÇÃO TOPONÍMICO-LITERÁRIA					
LOGRADOUROS PÚBLICOS (ESPAÇO SOCIAL)	ASSOCIAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	VEROSSIMILHANÇA	SIMBOLIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Rua do Siriri	X	X	X		
Rua de Araújo	X	X	X		
Rua da Estância	X	X	X		
Rua de Propriá	X	X	X		
Rua de Santa Luzia	X	X	X		
Rua do Maroim	X	X	X		
Rua de Itaporanga	X	X	X		
Rua do Rosário	X	X	X		X
Rua da Frente	X	X	X		
Rua da Vitória	X	X	X		
Rua do Bonfim	X	X	X		X
Rua da Capela	X	X	X		
Rua do Barão	X	X	X		X
Rua de Simão Dias	X	X	X		
Rua de Laranjeiras	X	X	X		
Rua do Fogo	X	X	X	X	X
Rua do Socorro	X	X	X		X
Rua de Geru	X	X	X		
Rua de São Cristóvão	X	X	X		
Avenida Barão de Maroim	X	X	X		
Avenida Pedro Calasãs	X	X	X		
Atalaia			X	X	
Aribé			X	X	
Chica Chaves	X	X	X		
Santo Antonio	X	X	X		
Praça do Palácio	X		X	X	
Praça da Matriz	X		X	X	
Praça Pinheiro Machado	X		X	X	
Carro Quebrado	X		X	X	
Carvão	X		X	X	
Fundição	X		X	X	
Matadouro Velho	X		X	X	
Manoel Preto	X	X	X	X	
Alto de Areia			X	X	
Alto do Cruzeiro			X	X	
Alto de São Cristóvão	X		X	X	
Aterros do Tecido			X	X	
Curral do Bonfim	X		X	X	
Saco	X		X	X	
Ponte do Imperador	X	X	X	X	X

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Importante ressaltar que as funções ora apresentadas foram adaptadas de uma aplicação aos antropônimos ficcionais e nos serviu de base para aplicação nos topônimos ficcionais referentes aos espaços sociais descritos no texto-fonte onde seguimos alguns critérios para a escolha das cinco funções literárias abaixo descritas que:

- a) fossem eliminadas as funções destinadas exclusivamente aos antropônimos ficcionais;
- b) a função caracterizasse o espaço nomeado por um topônimo ficcional;
- c) a função tivesse uma relação com um topônimo não ficcional e dependente do conhecimento enciclopédico por parte do leitor;
- d) a função tivesse uma ideia de associação ao nome aludido;
- e) a função promovesse uma associação com fatos ocorridos ou imaginados;
- f) a função relacionasse o nome de espaço social fictício com o nome de espaço social real.

Após análise das funções literárias dos espaços sociais representados pelos logradouros públicos acima descritas pode-se observar que cada espaço corresponde a mais de uma função e que tal classificação depende exclusivamente da designação dada aos nomes de lugar, pois, ao analisarmos as denominações dos logradouros públicos, observa-se que o nomeador utiliza nomes de personalidades da época da nomeação, nomes de cidades do interior sergipano, de fatos ocorridos na época, de nomes de acidentes físicos e nomes de santos que influenciaram diretamente na escolha das funções literárias atribuídas aos topônimos ficcionais. Diante disso, seguem os quadros representativos dessas funções por ocorrências nos logradouros públicos e sua porcentagem em relação ao todo. Conforme Seide (2023), as funções apresentadas podem divergir em relação a cada leitor, pois o conhecimento enciclopédico de cada leitor influenciará na análise, como também a relação da época da escritura da obra com a época de sua leitura.

Quadro 8: Percentual das funções literárias

Ruas	Avenidas	Bairros	Praças	Logradouros sem termo genérico	Ponte	Porcentagem em relação ao todo (%)
ASSOCIAÇÃO						
19	02	02	02	09	1	83,33
CARACTERIZAÇÃO						
19	02	02	0	01	1	59,52
CLASSIFICAÇÃO						
06	0	0	0	0	1	16,66
SIMBOLIZAÇÃO						
01	00	03	03	12	1	47,61
VEROSSIMILHANÇA						
19	02	05	03	12	1	100

A função literária de maior ocorrência, presente em todos os itens do corpus toponímico, foi a *verossimilhança*; a função com segunda maior ocorrência foi a *associação* (83,33%), seguido pela *caracterização* (59,52%); pela *simbolização* (47,61%) e pela *classificação* (apenas 16,66%). Os sintagmas toponímicos descritos são totalmente verossímeis na geografia aracajuana e dialogam com as funções memorialista e mimética. O olhar analítico parte do leitor de hoje e o leitor contemporâneo através da maturidade, vivências, curiosidade, necessidade⁵, pertencimento, conhecimento enciclopédico, dentre outros, permite o reconhecimento ou a recordação de um nome de lugar dentro de um espaço social. Percebe-se que todos os espaços sociais ficcionais existem ou existiram, ou seja, há a descrição da realidade da cidade de Aracaju quando relacionamos o real e o fictício, tanto para o leitor contemporâneo quanto para o leitor atual de Rua do Siriri.

Todos os nomes atribuídos aos espaços reduzidos têm uma razão de ser do ponto de vista do ato de nomear. No que diz respeito às ruas, 78,95% refere-se a nomes de cidades do interior sergipano; 5,26% atribuídos a um título nobiliárquico; 5,26% atribuídos a um posicionamento geográfico; 5,26% associados a zona boêmia da cidade; e 5,26% com atribuição à condição; 100% das avenidas relaciona-se com personalidades políticas sergipanas; 20% dos bairros refere-se a um santo, 60% refere-se a palavras de origem diversa a língua portuguesa e 20% atribuída a uma região da cidade; 33,33% dos nomes da praça refere-se a uma personalidade do Exército Brasileiro e 66,67% refere-se a prédios públicos; com relação às denominações sem termo genérico percebe-se a

⁵ Para Ricouer (1913), o ponto de partida para o percurso da recordação fica em poder do explorador do passado, mesmo que o encadeamento que se segue dependa da necessidade ou do hábito.

relação com fatos ocorridos na época, local de abate de animais, local onde trabalhava-se com ouro, a acidentes geográficos de natureza física e a denominação de uma antigo povoado de Aracaju; a ponte é nomeada em homenagem ao Imperador Dom Pedro II.

Dos nomes de lugares destaca-se a ocorrência dominante do caráter memorialista, pois apenas um nome de bairro consta no Catálogo de Logradouros Públicos de Aracaju (2013) *ipsis literis* como na obra, Atalaia, e três constam com nova denominação, dada por legislação municipal, sendo Chica Chaves referente ao Bairro Industrial e Aribé substituído por Siqueira Campos, conforme ilustra os fac símiles abaixo:

Quadro 9: Dados da toponímia urbana do Catálogo de Logradouros Públicos de Aracaju (2013)

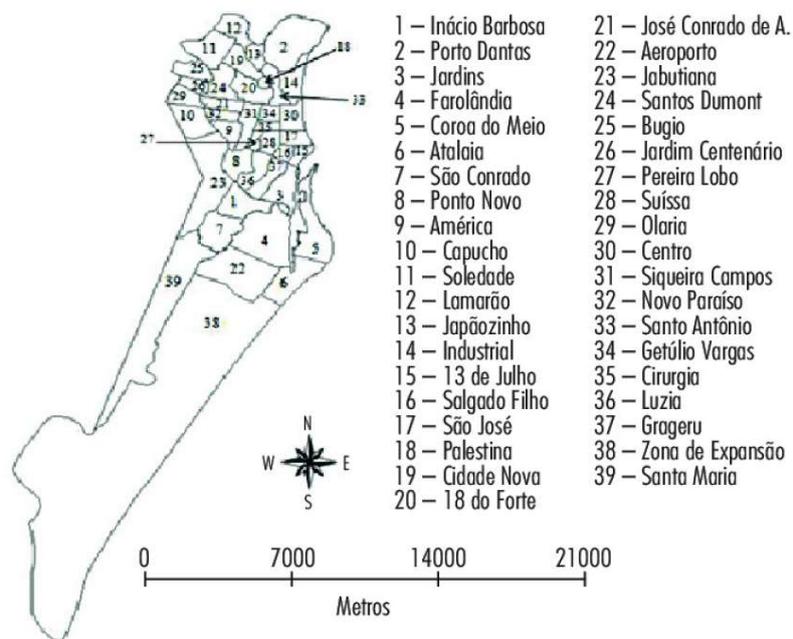


DIVISÃO DE FISCALIZAÇÃO DE PARCELAMENTO DO SOLO

CATÁLOGO DE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOURO PÚBLICO					
LOGRADOURO	DENOMINAÇÃO		LEI		LOCALIZAÇÃO
	ANTERIOR	ATUAL	NUMERO	DATA	
Bairro	-	Atalaia	873/82	01-10-82	
Bairro	-	Industrial	873/82	01-10-82	
Bairro	-	Santos Dumont	63/55	24-10-55	
Bairro	-	Siqueira Campos	873/82	01-10-82	

Dos logradouros extraídos da obra Rua do Siriri apenas os acima citados estão elencados no respectivo catálogo que hodiernamente constam com uma relação de 39 nove bairros conforme ilustra a figura abaixo:

Figura 4: Ilustração dos bairros de Aracaju atualmente.



Fonte:

Embora as ruas, as avenidas, praças e ponte não estejam registradas no CLPA-2013, a maioria dos nomes de logradouros são oriundos de legislação específica da qual não tivemos acesso, porém provamos a existência desses logradouros através de mapas e de plantas datadas da primeira metade do século XX conforme Anexos. Ocorre que as 19 ruas estão basicamente na região que hoje chamamos de Centro da Cidade, não tendo referências de ruas fora desse perímetro na rua. De acordo com PORTO (2003, p.9) “... o aracajuano é um forte triturador, grande apagador de topônimos”. Ao analisar os nomes de ruas da obra em relação às ruas na realidade geográfica de Aracaju percebe-se que todas as ruas utilizadas por Fontes já existiam, a maioria delas conserva o nome e algumas que eram espontâneas tiveram novas denominações, mas o que nos chamou atenção foi a falta de informação e/ou acesso aos documentos públicos que registram o surgimento da cidade a exemplo do projeto de Basílio Pirro, as primeiras nomeações e modificações dos nomes de rua da cidade de Aracaju. Abaixo destacamos a planta BR SEAPES CART PLA 0031A que subsidiou os fac símiles utilizados nas fichas lexicográfico-toponímicas para a configuração de existência dos topônimos antes da publicação da obra.

Planta 1: Planta delimitadora de terrenos de marinha datada de maio de 1925



Num intervalo temporal de pouco mais 100 anos, o processo de urbanização de Aracaju foi exponencial. Considerando comparativamente os pontos limítrofes da cidade, tem-se: de leste a oeste, inicia-se nas margens do rio Cotinguiba, indo até as imediações da zona do Aribé; e de norte a Sul, da região do Chica Chaves até a Atalaia. Dessa forma, a relação demonstrável entre o real e o ficcional são fidedignas. Mesmo que o cotejo disposto no quadro a seguir não tenha propósitos georreferenciados, vale como ilustração do quanto Aracaju não é mais uma cidade provinciana (menos de 70 mil habitantes em 1950, para mais de 600 mil pessoas no Censo demográfico de 2022). Um quadro relacionando a quantidade de logradouros elencadas na obra, no ano de 1918, e os mesmos dados no ano de 2013, quando do lançamento do Catálogo de Logradouros Públicos de Aracaju.

Quadro 10: Relação entre os logradouros fictícios e os logradouros reais

Logradouros elencados na obra	Logradouros elencados na geografia real de Aracaju
19 ruas	1335 ruas
02 avenidas	128 avenidas
05 bairros	39 bairros
03 praças	132 praças
10 Termos sem denominação genérica	*

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Convencionou-se que são agrupamentos os nomes de lugar que não continham termo genérico, ou seja, aqueles logradouros que só continham o termo específico e geralmente referia-se ao encontro de um ou mais logradouros, a exemplo de fundição, que outrora foi arraial, bairro e atualmente é a Avenida Augusto Maynard; Carvão, também chamado de pontal do Tramandaí, hoje conhecido como curva do Iate; Matadouro Velho era o lugar de matar e retalhar bois, localizado na atual rua de Salgado, próximo à rua Divina Pastora, por exemplo.

No contexto das citações, das 19 ruas listadas, a mais citada é justamente a rua do Siriri, com treze ocorrências, caracterizadas como locativo das agruras e das dificuldades vividas pelas prostitutas e da proibição de serenatas. Oito ruas foram citadas apenas uma vez: as ruas de Arauá e Maruim por conta da mudança de endereço coercitivo pela polícia; a rua da Capela ao referir-se à louca Calu; a rua de Simão Dias, ao referir-se ao grupo musical do Crispim; a *rua do Fogo*, ao referir-se ao mandingueiro Seu Aleixo; a rua do Socorro ao referir-se à gênese da prostituta Almerinda; a rua do Geru ao referir-se do sofrimento de Angelina nessa rua e rua de São Cristóvão ao referir-se dos passeios de Esmeralda e Mariana. Quatro ruas foram citadas duas vezes, a rua do Rosário ao referir-se à extensão do quintal da casa nova das prostitutas e ao referir-se à morte da prostituta Rosa; a rua da Frente ao referir-se aos locais de encontro da prostituta Mariana e quando a prostituta Branca encontra seu esposo; a rua do Bonfim ao referir-se à Sá Inácia e a chegada dos marinheiros à Aracaju; a rua do Barão ao referir-se ao Café Ideal e ao referir-se ao carnaval dessa rua. Duas ruas foram citadas três vezes, a rua de Santa Luzia por conta da mudança de endereço coercitivo pela polícia, sobre o ponto de vista das prostitutas acerca da mudança e o convite que a prostituta Branca teve para abrir uma casa com amigas; a rua de Itaporanga ao referir-se à irregularidade do leito arenoso, ao referir-se à mudança da prostituta Nenen para casa de um quarto nessa rua e ao referir-se à visita de Dó. Duas ruas foram citadas quatro vezes, a rua de Propriá por conta da mudança de endereço coercitivo pela polícia, ao referir-se ao leito arenoso, ao referir-se à turma do Crispim e a visita de Dó; rua da Vitória ao referir-se ao convite de Seu Carvalhinho, ao referir-se à Sá Inácia, quando Gregório reconheceu a filha de Mestre Paulino no meretrício e aos passeios das prostitutas pelos subúrbios de Aracaju; Uma rua foi citada cinco vezes, a rua de Laranjeiras por conta da mudança de endereço coercitivo pela polícia, ao referir-se a extensão do quintal, ao referir-se ao grupo de homens que se formava na Praça do Palácio, quando a prostituta Branca vê seu esposo e quando a

prostituta Mariana demora a voltar para casa; uma rua foi citada seis vezes, a rua da Estância por conta da mudança de endereço coercitivo pela polícia, o ponto de vista das prostitutas sobre a mudança, ao referir-se à caracterização da rua de Siriri, ao mencionar que a rua da Estância era melhor que a rua do Siriri, ao referir-se à visita de São Pedro e ao referir-se às pessoas conhecidas por Angelina no Rio de Janeiro.

Duas avenidas foram citadas apenas uma vez, a avenida Barão de Maroim quando apresentou-se a extensão da rua do Siriri; a avenida Pedro Calasãs ao referir-se que as prostitutas daquela localidade foram prestar sua última homenagem ao falecimento da prostituta Rosa; Três praças foram citadas, a Praça do Palácio foi citada três vezes, ao referir-se às comemorações alusivas ao 15 de novembro, ao grupo de homens que se formava na praça e quando Branca informa que viu seu esposo; Praça Pinheiro Machado apenas uma vez ao referir-se aos passeios de bonde pelas prostitutas a fim de captar clientes; Praça da matriz apenas uma vez, ao referir-se da alegria das prostitutas por conta dos festejos natalinos na praça;

Dos cinco bairros elencados, o mais citado foi o Santo Antônio, ao referir-se aos passeios vespertinos das prostitutas, ao citar o itinerário dos bondes e ao referir-se à Igreja do Santo Antonio; O Chica Chaves, ao referir-se aos passeios vespertinos das prostitutas e ao citar o itinerário dos bondes; o Aribé ao referir-se à Sá Inácia e ao referir-se à proximidade do bairro com o Cemitério dos Cambuís; A Atalaia ao referir-se à beleza e energia da prostituta Djanira; A Ponte do Imperador foi citada apenas uma vez ao referir-se aos bancos (assentos) da ponte.

Das 12 nomeações espontâneas, duas nomeações foram citadas duas vezes: a *Fundição*, ao referir-se à estratégia das prostitutas de tomarem o bonde para captar clientes e ao referir-se ao sumiço das casas da fundição; o Alto de São Cristóvão, ao referir-se à extensão da rua do Siriri e ao localizar o leito arenoso e irregular; O Carro Quebrado ao referir-se aos passeios vespertinos das prostitutas; o Carvão ao referir-se aos passeios vespertinos das prostitutas; o Alto de Areia ao referir-se aos passeios vespertinos das prostitutas; o Alto do Cruzeiro ao referir-se da localidade escolhida pela prostituta Nenen para ir morar em uma casa de um quarto; o Matadouro Velho ao referir-se aos passeios vespertinos das prostitutas; o Manuel Preto ao referir-se à nova morada da prostituta Almerinda; os Aterros do Tecido, ao referir-se às memórias da prostituta Almerinda; o Curral do Bonfim ao referir-se à mudança da prostituta Almerinda para o Manuel Preto; o Saco, ao referir-se ao local que uma das prostitutas foi vista em festas

privadas. Assim, na obra, os logradouros públicos estão intimamente ligados à vida das prostitutas, seja nos momentos de lazer, de tristeza, de dor ou de desolação.

Como já destacado, os logradouros listados na obra foram majoritariamente nomeadas de forma sistemática, ou seja, sofreram a influência direta do Poder Público Municipal na nomeação. Identifica-se que as nomeações espontâneas também estão presentes, a exemplo de *Carro Quebrado*, *Curral do Bonfim*, *Alto de São Cristóvão*, *Alto do Cruzeiro*, *Alto de Areia* e aterros do tecido. Este último refere-se aos aterros feitos em decorrência do crescimento urbano na região da fábrica de tecido e que serviam de acesso para os funcionários da têxtil. Importante ressaltar que o termo tecido se refere à nova denominação do Chica Chaves e que atualmente é conhecido como Bairro Industrial. Nesse sentido, os aterros na cidade de Aracaju proporcionaram o crescimento da cidade e grande da areia foram extraídas do Alto de São Cristóvão e do Alto de Areia.

Quanto aos elementos genéricos, quase sempre se registra, na obra, o sintagma toponímico completo, quais sejam: rua do Siriri, rua de Arauá, rua da Estância, rua de Propriá, rua de Santa Luzia, rua de Maroim, rua de Itaporanga, rua do Rosário, rua da Frente, rua da vitória, rua do Bonfim, rua da Capela, rua do Barão, rua de Simão Dias, rua de Laranjeiras, rua do Fogo, rua do Socorro, rua do Geru, rua de São Cristóvão, avenida Barão de Maruim e avenida Pedro Calasãs, praça do palácio, praça Pinheiro Machado, praça da Matriz e ponte do Imperador.

Quanto às nomeações espontâneas, é mais comum a menção apenas ao elemento específico: Atalaia, Saco, Aribé, Chica Chaves, Manuel Preto, Santo Antonio, Carro Quebrado, Carvão, Alto de Areia, Fundição, Alto do Cruzeiro, Alto de São Cristóvão, sendo exceções: Matadouro Velho, aterros do tecido e Curral do Bonfim.

Quanto à flutuação (orto)gráfica, encontramos variantes em Siriry/Siriri; e variantes morfológicas em: da Estância/de Estância, Maroim/Maruim; da Capela/de Capela; de Larangeiras/de Laranjeiras; e do Geru/de Geru.

Nesse sentido, os 41 (quarenta e um) topônimos ficcionais retirados de Rua do Siriri representando os espaços sociais através dos logradouros públicos (ruas, avenidas, praças, bairros e ponte) foram cruciais para análise das funções mimética e memorialista quando comparados com os nomes de lugar expressos no Catálogo de Logradouros Públicos de Aracaju (2013), nos possibilitou a construção de um quadro sistemático da etimologia desses topônimos, bem como a aplicação de cinco funções literárias dos

topônimos ficcionais, relacionar tempo de escrita e tempo de leitura com os leitores contemporâneo e atual, observar a evolução dos espaços sociais e relação existentes entre os logradouros públicos fictícios com os logradouros na realidade e destacar a relação entre personagens e espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fito de relacionar o real e o ficcional por signos toponímicos de natureza literária, este estudo selecionou e analisou dados linguísticos e extralinguísticos de nomes de logradouros públicos de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, também registrados em fichas lexicográfico-toponímicas em Apêndice.

A nomenclatura de ruas, avenidas, praças, bairros e de uma ponte extraídos da obra *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, demonstrou como as funções literárias mimética e, principalmente, memorialística se configuram. Ao analisar a função literária dos topônimos nessa obra, observa-se que, das cinco funções apresentadas, a verossimilhança foi totalizante, presente em todos os logradouros públicos que constituem o corpus, o que ratifica o argumento de que o autor esses topônimos ficcionais selecionados são representativos de um espaço social – a realidade da cidade de Aracaju na primeira metade do século XX.

Importante ressaltar que a função mimética está para o leitor atual, assim como a função memorialista está para o leitor contemporâneo. Dessa forma, é possível relacionar a análise à presença de signos toponímicos vinculados aos logradouros públicos, considerando duas abordagens: uma que se baseia no Catálogo de Logradouros Públicos (CLP) e outra que o desconsidera, avaliando o conjunto de forma mais ampla, a saber:

- quando se considera o CLP (2013) sob a perspectiva do leitor atual, a função é mimética, por reproduzir a realidade, e memorialista, devido à necessidade de conhecimento enciclopédico por parte do leitor;
- ao desconsiderar o Catálogo de Logradouros Públicos e analisar o todo a partir da leitura contemporânea, a função torna-se predominantemente mimética.

O cotejo de documentos históricos e de mapas geográficos da cidade de Aracaju, bem como publicações diversas por consultas nos Arquivos Públicos municipal e estadual, possibilitou a investigação do contexto geossócio-histórico no tempo da narrativa, entre 1918 e o fim dos anos 1930.

A fundamentação teórica que seccionou toponímia, memória e literatura subsidiou nossa pesquisa para compreender como nomes de lugar literários estão relacionados à nomenclatura geográfica real de logradouros públicos na cidade de Aracaju. Assim, os nomes de lugar investigados na obra *Rua de Siriri* (Fontes, 1937) tornaram possível

identificar o resgate memorialístico de lugares, histórias, tipos, influências sofridas no português brasileiro e do desenvolvimento urbano dessa urbe.

A análise do corpus assinalou que as denominações da narrativa remetem a denominações reais de logradouros públicos, fruto das denominações sistemáticas iniciadas pelo projeto de arruamentos do Engenheiro Basílio Pirro e com as mudanças dos designativos locativos ao longo do tempo, de modo que a função literária desses topônimos foi, quase totalmente, memorialista. Dessa forma, permite-se uma reconstrução histórica dos nomes de lugar da cidade de Aracaju a partir do gênero romance com o intuito de reconhecermos a gênese das denominações, sejam elas espontâneas ou sistemáticas.

Amando Fontes, em sua obra *Rua do Siriri*, apresenta a problemática social acerca da transferência de logradouro das mulheres de “vida fácil”, que serviu de mote para este estudo. Reforça-se, por fim, a necessidade de continuidade dos estudos em face à lacuna deixada pela falta de acesso aos documentos que registram os nomes dos logradouros públicos. Espera-se que o tratamento do corpus ora analisado contribua para a ampliação de estudos relacionados à toponímia, literatura e à memória, sendo útil não apenas a pesquisadores de Letras, mas também de áreas afins, como História, Geografia, Sociologia e Antropologia.

Com os resultados descritos, entende-se a importância de estudos toponímico-literários como receptáculo da memória, bem como entende-se que estudos acerca do conceito, utilização e função da Toponímia Literária e sua relevância para os estudos de teoria e crítica literária devem ser ampliados.

REFERÊNCIAS

- ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos; ZAMARIANO, Marcia. Interface dos estudos toponímicos em Iracema de José de Alencar. **Revista do GELNE**. v16, n1-2. pp 319-344.
- BARRETO, Luiz Antonio. **Dicionário Prático de nomes e denominações de Aracaju**. Aracaju: Infonet, 2000.
- BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto; 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**. Teoria Lexical e Linguística Computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 261 p.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra**. Filologia e Linguística Portuguesa, 2, 1998, pp. 81-118.
- BRAGA, Rosiane Cristina Gonçalves; MACIEL, Sheila Dias. **Memória e utopia: experiências de linguagem**. Cuiabá, EDUFMT, 2011. 203 p.
- BRANDÃO, A. dos S. **Guia de Ruas (Bairros) e mistérios: a toponímia como elemento identitário em Bahia de Todos os Santos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.
- BRITO NETO, Aquilino José de. **“Ao sul de Aracaju...”: memória e história da Atalaia Velha (1900-1952)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2015.
- CAMARGO, Amanda Kristensen de. **Nomes próprios no romance contemporâneo O Berro do Cordeiro em Nova York: um estudo onomástico exploratório**. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira; São Paulo: Contexto, 2011, 219, p.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Interface onomástica/literatura: a toponímia, o espaço e o resgate da memória na obra memórias da Rua do Ouvidor. **Cadernos do CNLF**, Vol. XII, nº10. CIFEFIL, 2009.
- CAVILL, Paul. Language-based approaches to names in Literature. In: HOUGH, Carole. **The Oxford handbook of names and naming**. 2016.
- COTRIM, Ana. **Literatura e realismo em György Lukács: os efeitos da inflexão marxista e suas ideias estéticas**. Porto Alegre: Zouk, 2016.
- CRUZ, Jeferson Augusto da. **Uma mão de verniz no tabuleiro de Pirro**. Ecos da Belle Époque em Aracaju (1918-1926). Teresina: Cancioneiro, 2013. 228 p.
- CRUZ, Marilyn Fernandes da. TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Onomástica Literária: Análise dos Antropônimos e dos Topônimos em Cacao. **GEADEL**. V. 03, n. 4, 2022.

- DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República 1889-2000**. 2. ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022. 309 p.
- DICK, Maria V. de P. do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo**. São Paulo: ANNABLUME, 1997.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra; [revisão da tradução João Azenha Jr.] 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FONTES, Amando. **Rua do Siriri**. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, 1937.
- FONTES, Lilian; LEMOS, Wagner. Vovô Amando. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**, n. 53, v.1, 2023.
- FREIRE, Felisbelo Firmo de Oliveira. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1891.
- GAMA-KHALIL, M. M. O LUGAR TEÓRICO DO ESPAÇO FICCIONAL NOS ESTUDOS LITERÁRIOS. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 28, 2010. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/166>.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 27–46, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/12920>.
- KONDER, Leandro. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., Vol. 58, 1965.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MELINS, Murilo. **Aracaju Romântica que vi e vivi**. Aracaju: Unit, 3. ed., 2007. 380 p.
- PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., p. 205, 2003.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 2000.
- SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geographia Nacional**. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/sampaio-1901-tupi/sampaio_1901_tupi.pdf
- SANTOS, Cezar Alexandre Neri. **A Toponímia em Sergipe: Descrição e análise**. 2019. Tese (Doutorado – Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, 2019.
- SANTOS, Cleones Gomes dos. **Pode a morte ensinar História? Uso de lego para entender cidadania nos cemitérios Santa Isabel e Cruz Vermelha**. 2022. Dissertação (Mestrado profissional em ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, 2022.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. DE OLIVEIRA, Silvana Pessoa. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais: Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Funções literárias de nomes de personagens no romance O filho de mil homens. **Revista GTLex**, 2023/2024.

SILVA, Antonio Rafael Marçal da. JAYO, Martin. De Gonçalo Gonçalves a General Câmara, topônimos soterrados: Pedro Nava e a memória que descansa sob o asfalto de larguíssima avenida. **Linha D'agua**. São Paulo, v. 36, n. 01, p. 115, 2023.

SILVEIRA, Tasso da. **Três romances**. O Estado de Sergipe em 27/11/1937. Aracaju: Movimento Literário n. 1353.

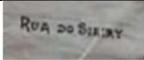
SMITH, Grant W. Oxford Literary Onomastics. In: HOUGH, Carole. **The Oxford handbook of names and naming**. 2016.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto; 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

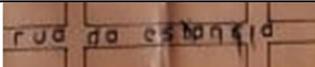
TONDINELLI, Patrícia Goulart. Toponímia Rosiana. **Macabéa. Revista Eletrônica do Netlli**, v. 01, p. 145-156, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS

FICHA 01
Topônimo: Rua do Siriri
Termo genérico: Rua
Termo específico: do Siriri
Variante(s): Siriry
Aceção semântica: Siriri s. Povoação de Serjipe; rio dos siris (Sampaio, 1901); <i>suiri'ri</i> ; designação dada a diversas aves passeriformes da família dos tiranídeos encontradas no Brasil. (Priberam, 2025); Ciri-r-y, o rio ou água dos siris. Sergipe (Sampaio, 1901, p. 315)
Etimologia: tupi
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas: Siriri também designa um município sergipano outrora chamado Pé do Banco, incorporado ao nome da Freguesia de Jesus, Maria, José e São Gonçalo. Juntamente com a rua do Bonfim concentrava uma grande quantidade de bares e prostíbulos. (BARRETO, 2016). Município distante 51 quilômetros de Aracaju.
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto das citações: 1. Quando o Chefe de Polícia decreta a mudança de endereço das prostitutas (FONTES, 1937, p. 9); 2. As dificuldades das prostitutas após a mudança para o novo endereço. (FONTES, 1937, p. 10); 3. Os murmurinhos pela rua acerca da partida de Angelina com o português Frazão FONTES, 1937, p. 25); 4. Referindo-se há quanto tempo Nenen morava na rua do Siriri (FONTES, 1937, p. 59); 5. Tempos de bonança da rua do Siriri (FONTES, 1937, p. 63); 6. Comprida, tortuosa, ora larga, ora estreita, a Rua do Siriri se estendia desde o Alto de São Cristóvão até a Avenida Barão de Maroim, mas o seu trecho principal, porque mais habitado, ia da Rua de Laranjeiras até a da Estância (FONTES, 1937, p. 11); 7. Das dificuldades que passara a rua do Siriri e a chegada de marinheiros na cidade (FONTES, 1937, p. 76); 8. A prostituta Rosa dizendo que achava melhor ir para a rua do Siriri (FONTES, 1937, p. 81); 9. A proibição de serenata (FONTES, 1937, p. 91); 10. Sobre a turma do Crispim tocando para a rua do Siriri (Fontes, 1937, p. 92); 11. Sobre a decadência da prostituta Almerinda (FONTES, 1937, p. 94); 12. A chegada de Madalena a rua do Siriri (FONTES, 1937, p. 97); 13. A morte de Rosa (FONTES, 1937, p. 102); 14. Sobre a visita de Dó (FONTES, 1937, p. 109).
Número de ocorrências: 14
 BR SEAPES CART PLAN 0028

FICHA 02	
Topônimo:	Rua de Arauá
Termo genérico:	Rua
Termo específico:	de Arauá
Variante(s):	n/e
Etimologia:	tupi.
Acepção semântica:	s2g. Indivíduo de qualquer grupo dos arauás, família indígena considerada extinta e cujas línguas pertencem à família linguística arauá. (AULETE, 2025)
Estrutura morfológica:	Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo:	Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas:	Já teve o nome de Parida, na década de 30 havia uma cervejaria de propriedade de Antonio Alves da Silva, no dia 21 de abril de 1889 praças do 26° BC entraram em conflito com o Corpo Policial e havia uma escola de dança cujo nome era Salão de luz. (BARRETO, 2016) Município distante 101 km de Aracaju.
Função literária do topônimo:	Memorialista
Tipo de nomeação:	Sistemática
Presença do termo no catálogo:	Não
Contexto da primeira citação:	1.Quando o Chefe de Polícia decreta a mudança de endereço das prostitutas. (FONTES, 1937, p. 9)
Número de ocorrências:	01
 BR SEAPES CART PLA 0031A	

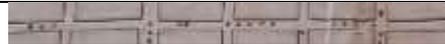
FICHA 03	
Topônimo: Rua da Estância	
Termo genérico: Rua	
Termo específico: da Estância	
Variante(s): n/e	
Aceção semântica: 11. [Brasil] fazenda para criação de gado; (PRIBERAM, 2025).	
Etimologia: Língua Portuguesa	
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])	
Histórico do topônimo: O topônimo está expresso em um trecho da planta de Aracaju datado de 1868, em uma planta datada de 1919 destinada à demarcação dos terrenos de marinha e alagados de que o Estado se utiliza para o saneamento da Capital. Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)	
Informações enciclopédicas: 1. As bandas de música do 28º BC e do Batalhão do Corpo Policial, depois Polícia Militar, costumavam festejar a entrada do ano novo com uma alvorada em frente à residência do Presidente do Estado. Foi assim com Manoel Dantas, em 1927, quando ele, interinamente, estava no exercício do Governo, na qualidade de Presidente da Assembléia. A Alvorada foi em frente à sua residência, à rua Estância, prédio que mais tarde serviu para a Faculdade de Serviço Social, a Justiça Federal e o Fórum Tobias Barreto; 2. Criada em 1890 e instalada em Aracaju na travessa José de Faro. Durante muito tempo o Governo Federal suprimiu a Justiça Federal, voltando a funcionar na década de 60, inicialmente no edifício Estado de Sergipe, agora transferida para a rua Estância, onde está instalado o Fórum Tobias Barreto. (BARRETO, 2016) Município distante 69,3 km de Aracaju.	
Função literária do topônimo: Memorialista	
Tipo de nomeação: Sistemática	
Presença do termo no catálogo: Não	
Contexto da citação: 1. Quando o Chefe de Polícia decreta a mudança de endereço das prostitutas. (FONTES, 1937, p. 9); 2. Os pontos de vista das prostitutas sobre a mudança para a rua do Siriri (FONTES, 1937, p. 10); 3. Sobre a caracterização da rua do Siriri (FONTES, 1937, p. 11); 4. Sobre a casa da rua da Estância ser melhor que a da rua do Siriri (FONTES, 1937, p. 16); 5. A visita de São Pedro a Esmeralda e Mariana (FONTES, 1937, p. 76); 6. Angelina falando das pessoas conhecidas que encontrava no Rio de Janeiro (FONTES, 1937, p. 106).	
Número de ocorrências: 06	
 BR SEAPES CART PLA 0024	

FICHA 04
Topônimo: Rua de Propriá
Termo genérico: Rua
Termo específico: de Propriá
Variante(s): n/e
Aceção semântica: Arpão sm. 1. Espécie de seta de ferro fixada em um cabo us. para fisgar peixe em pesca submarina ou cetáceos de grande porte em pesca industrial; arpéu; fisga. agulhão, ferrão, punhal. (SANTOS, 2019, p. 145)
Etimologia: Propriá “cidade de Sergipe; de <i>pororó</i> , abreviação de <i>abati-pororoca</i> , milho pipoca, e <i>piriá</i> , alteração de <i>apereá</i> , preá, pequeno roedor; <i>propriá</i> (pororó-piriá), quer dizer pois preá de milho pipoca =, isto é: espécie de preá, roedor cuja preferência é o milho pipoca, preá que ataca o milho pipoca” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 100); “s. Rio e cidade de Serjipe. Não é tupi.” (BUENO, 2008, p. 640); “Corruptela de po-piá, significando ferrão, dente de cobra, segundo o Dr. Th. Sampaio. Nome de um chefe das tribos extintas no território sergipano.” (GUARANÁ, 1916, p. 319); “ant. <i>popiã</i> , o punhal, o estylete; Alagôas.” (SAMPAIO, 1901, p. 147); “1) arpão, agulhão, ferrão, punhal; dente de cobra, farpa. Do T.G. popiá, m.q. popiaba” (CHIARADIA, 2008, p. 550). Município distante de Aracaju 99 Km.
Estrutura morfológica: Simples [SN] [N]
Histórico do topônimo: Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas: Um dos topônimos municipais com mais versões para sua etimologia. Bueno (2008) não o toma como de origem tupi, mal chegando a propor uma aceção. Contudo, é bem provável que o seja, tratando-se de uma variante fono-morfológica de ‘po-piá’, designando um material de pesca, o arpão ou agulhão. Pode ainda remeter ao peixe piau ou mesmo à lexia <i>piá</i> , que designa peixe em tupi. Há ainda a versão simplificada de que “surgiu de uma pesca de Piau na lagoa de João Baía. Era tanto peixe que se pescava usando pau. Criou-se então a expressão ‘pesca do paupiau’. Outros dizem que o nome vem também da lagoa, mas a expressão seria ‘puropiau’”. (SANTOS, 2019, p. 317). Município distante 99 km de Aracaju
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contextos de citação:1. Quando o Chefe de Polícia decreta a mudança de endereço das prostitutas. (FONTES, 1937, p. 9); 2. Ao descrever o leito arenoso extremamente irregular no Alto de São Cristóvão e rua Itaporanga (FONTES, 1937, p. 12); 3. Sobre a turma do Crispim tocando para a rua do Siriri (FONTES, 1937, p. 92); 4. Sobre a visita de Dó (FONTES, 1937, p. 109).
Nº de ocorrências: 04
 BR SEAPES CART PLAN 0028

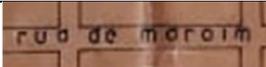
FICHA 05
Topônimo: Rua de Santa Luzia
Termo genérico: Rua
Termo específico: de Santa Luzia
Variante(s): n/e
Aceção semântica: Santa: Adj. 9. [Religião] Usa-se antes do nome masculino de um santo começado por vogal (ex.: <i>Santo Antônio</i>) ou antes de um nome feminino de uma santa (ex.: <i>Santa Teresa</i>). [Confrontar: são]; Luzia: V.I. 1. Do nome luz - Emitir brilho. = BRILHAR, FULGIR, FULGURAR, LUZIR, REFULGIR, RESPLANDECER, RUTILAR.
Etimologia: Santa: latim <i>sanctus</i> , -a, -um, tornado sagrado ou inviolável; Luzia: latim <i>luceo</i> , -ere, luzir, brilhar, resplandecer.
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Adj N])
Histórico do topônimo: Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas: Músicos - Nome antigo da atual rua de Santa Luzia. (BARRETO, 2016); O município remete ao início da colonização no estado, visto que foi lá onde se deu a primeira missa em solo sergipano. A referência à Santa Luzia, datada do fim do século XVI, nunca foi apagada da toponímia durante apenas cinco anos, entre 1943 e 1948. A relação com a cidade limítrofe Estância se fez inscrita nos tempos de Império. Pela necessidade de evitar topônimos homônimos no território nacional, teve sua nomenclatura mudada para Inajaroba – um fitotopônimo que significa <i>inajá-roba</i> : inajá amargoso (GUARANÁ, 1916, p. 308; SAMPAIO, 1901) – na década de 1940. Esse era o nome primitivo do atual Rio Piauí (FREIRE, 1891, p. 352; SANTOS, 2012, p. 111-112). Em 1948, contudo, retoma a referência à padroeira, inscrevendo o nome primitivo de outro rio que corta a cidade. Assim, Itanhy justifica-se por ser o nome com o qual os indígenas designavam o rio Real antes da colonização ibérica, como demonstra a Carta de sesmaria de Rebelo dAzevedo, de 23 maio 1596: “[...] na baja do salvador q ele quer morar e uiuer no Rio do Hitanhi chamado pela nossa lingua Rio Real e trazer suas pesas pera o quoa não ten terras...” (FREIRE, 1977 [1891]). Sobre a vacilação gráfica da lexia tupi deste topônimo híbrido, inscrita até o século XX como Hitanhy ou Hitanhi, Santos (2012) afirmou: “A letra <i>h</i> inicial foi eliminada após a ortografia sancionada em 1911, que só previa a manutenção desta letra quando a etimologia latina a exigisse, como em hoje, homem e hélice, sendo incomuns os topônimos em línguas indígenas iniciados por essa letra. Já a inscrição [gráfica] do <i>y</i> , <i>água</i> , <i>curso d’água</i> em tupi, é ainda hoje controversa: seja nos documentos oficiais, mapas ou inscrições dentro ou fora da cidade de Santa Luzia, ela é ambígua” (SANTOS, 2012, p. 109). Esta vacilação entre <i>y</i> e <i>i</i> no fim da lexia tupi pode ser atestada em quaisquer duales suportes, inclusive em fachadas de prédios oficiais d cidade. (SANTOS, 2019, p. 323). Município distante 79 Km de Aracaju.
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não

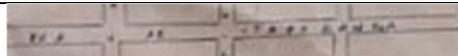
Contexto da primeira citação: 1. Quando o Chefe de Polícia decreta a mudança de endereço das prostitutas. (Fontes, 1937, p. 9); 2. Os pontos de vista das prostitutas sobre a mudança para arua do Siriri (Fontes, 1937, p. 10); 3. O convite que a prostituta Branca recebeu de algumas amigas para formarem juntas uma casa (FONTES, 1937, p.115).

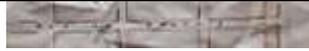
Número de ocorrências: 03

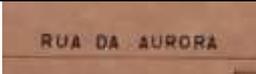


BR SEAPES CART PLA 0031A

FICHA 06	
Topônimo:	Rua de Maroim
Termo genérico:	Rua
Termo específico:	de Maroim
Variante(s):	Ao longo dos anos mudou a grafia para Maruim.
Acepção semântica:	[Brasil] [Entomologia] Mosquito de terrenos pantanosos no Brasil. mberu~i, os mosquitos; (SAMPAIO, 1901, p. 281)
Etimologia:	tupi
Estrutura morfológica:	Composta (SN [N Prep N])
Histórico do topônimo:	Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, p. 101).
Informações enciclopédicas:	Rex - Cinema bastante popular, com programação dupla nas matinês. Funcionou na rua de Pacatuba, entre a praça Fausto Cardoso e a rua de Maroim. (BARRETO, 2016) Município distante 31 km de Aracaju.
Função literária do topônimo:	Memorialista
Tipo de nomeação:	Sistemática
Presença do termo no catálogo:	Não
Contexto da citação:	1. Quando o Chefe de Polícia decreta a mudança de endereço das prostitutas. (FONTES, 1937, p. 9)
Número de ocorrências:	01
	
BR SEAPES CART PLA 0024	

FICHA 07	
Topônimo:	Rua de Itaporanga
Termo genérico:	Rua
Termo específico:	de Itaporanga
Variante(s):	n/e
Aceção semântica:	Itá-poranga, a pedra bonita (SAMPAIO, 1901 p. 259)
Etimologia:	tupi.
Estrutura morfológica:	Composta (SN [N Prep N])
Histórico do topônimo:	Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas:	1. Funcionava o Tatwa Fundado na rua de Itaporanga 27, na residência de Marcionilo Lélis da Silva, no dia 27 de outubro de 1939, o Tatwa A . O . Rodrigues, se propunha a ser um centro de educação e irradiação mental sob os auspícios do Círculo Esotérico da Comunhão de Pensamento. Hoje ainda funciona num cômodo do andar superior do Mercado Antônio Franco; 2. Chamava-se Alto do Cruzeiro; O Quartel do Bombeiros foi construído entre 1935 e 1941 na primeira administração de Godofredo Diniz; (BARRETO, 2016) Município distante 32,6Km de Aracaju.
Função literária do topônimo:	Memorialista
Tipo de nomeação:	Sistemática
Presença do termo no catálogo:	Não
Contexto da citação:	1. Ao descrever o leito arenoso extremamente irregular no Alto de São Cristóvão e rua Itaporanga. (FONTES, 1937, p. 12); 2. Quando Nenen se mudou para a casa de um quarto na rua de Itaporanga (FONTES, 1937, p. 67); 3. Sobre a visita de Dó (FONTES, 1937, p. 109).
Número de ocorrências:	03
	
BR SEAPES CART PLA 0031A	

FICHA 08
Topônimo: Rua do Rosário
Termo genérico: Rua
Termo específico: do Rosário
Variante(s): n/e
Acepção semântica: 1. [Religião católica] devoção instituída por São Domingos e que consiste em rezar quinze vezes um pai-nosso seguido de dez ave-marias em honra dos passos da infância, paixão e ressurreição de Jesus Cristo, e das dores, alegrias e glórias da Virgem Maria. [O rosário divide-se em três terços]; 2. [Religião católica] Fio com 165 contas correspondentes aos pais-nossos (contas maiores) e ave-marias (contas menores) dessa devoção; máquina que se extrai água das minas.
Etimologia: Latim rosarius, -a, -um relativo a rosa; (PRIBERAM, 2025); rosairo XVI/ Do latim eclesiástico rosarium. (SANTOS, 2019, p. 321)
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Está expresso na planta BR SEAPES CART PLA 0031A
<p>Informações enciclopédicas: Beco do Cigarro Victor - Pequena rua estreita, na avenida Pedro Calasans, antiga rua do Rosário. (BARRETO, 2016). Segundo uma versão local, sem datação, de que um grupo de negros que trabalhava nos engenhos encontrou uma imagem de Nossa Senhora do Rosário numa das matas da região, que explicaria a remota devoção por essa entidade mariana. A imagem teria sido deixada pelos jesuítas. O proprietário do Engenho Jordão, Jorge de Almeida Campos, acabou doando terreno para que uma capela fosse construída e colocada a imagem da santa, nascendo, então, a Aldeia de Nossa Senhora do Rosário. Fato é que a localidade teve mão-de-obra escrava, por ser um polo de cultura canavieira.</p> <p>Com diversas acepções para a etimologia do vocábulo Catete, não se pode afirmar qual a correta, afinal não há uma versão oficial. Pronunciada com timbre fechado, costuma-se tomar como mais prováveis aquelas que ligam o nome à origem tupi, bem mais que as versões de origem africana, especialmente as acepções de replicadas por Chiaradia (2008). A versão de que Catete significaria ‘reduto de escravos’ não se apresenta dicionarizada, sendo improvável até dentre as acepções de origem africana. (SANTOS, 2019, p. 321)</p>
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Ao descrever que a extensão do quintal alcança a rua do Rosário. (FONTES, 1937, p. 12); 2.A morte de Rosa (FONTES, 1937, p. 102).
Número de ocorrências: 02
 BR SEAPES CART PLA 0031 ^a

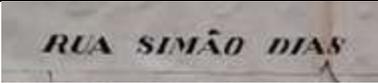
FICHA 09	
Topônimo: Rua da Frente	
Termo genérico: Rua	
Termo específico: da Frente	
Variante(s): n/e	
Aceção semântica: parte dianteira. = FACE; lado principal do exterior de um edifício, onde está a entrada principal. = FACHADA, FRONTARIA; Frontispício; rosto; vanguarda.	
Etimologia: Do latim frons, ontis; (Priberam, 2025)	
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])	
Histórico do topônimo: 1. Primeiramente chamada rua da Frente sendo a primeira rua locada em Aracaju; em seguida foi chamada Rua da Aurora, pelo fato de poder enxergar os primeiros raios de sol e tal nome era dado ao Sítio Aurora, segundo Porto surgiu da iniciativa popular; 2. em março de 1912 por indicação do Correio de Aracaju ao Intendente passou a chamar-se Rio Branco, logo após a Praça Fausto Cardoso, em homenagem póstuma ao Barão de Rio Branco e conservava rua da Aurora os trechos iniciais; 3. em 1924 quando por falecimento do General Ivo do Prado foi aplicado seu nome ao trecho compreendido entre a Alfândega e a Delegacia Fiscal, mantendo-se Rio Branco para a parte sul; 4. Por solicitação do IHGSE o Ato nº 6, de 23 de abril de 1934 Rio Branco foi para a parte Norte e Ivo do Prado para a parte sul	
Informações enciclopédicas: 1. Segundo Porto, até janeiro de 1873 não existia ato oficial para a denominação de rua em Aracaju; 2. na rua da Aurora em 1837 funcionavam a Alfândega, a Mesa de Rendas Provinciais, o Palacete da Presidência, a Câmara Municipal, a Secretaria de Polícia, o Teatro Santo Antônio, os trapiches Lima, Baiano, Melo, Oliveira e Pohlman, a feira (o Mercado atual), o quiosque Ship Chandler, os bancos do Brasil e o mercantil Sergipense, os grandes escritórios, o comércio e a estação rodoviária a céu aberto com as marinetes. (PORTO, 2003 p. 81-98)	
Função literária do topônimo: Memorialista	
Tipo de nomeação: Espontânea	
Presença do termo no catálogo: Não	
Contexto da citação:	
1. Sobre os locais de encontros noturnos de Mariana e João Roque. (Fontes, 1937, p. 18); 2. Quando Branca diz a Esmeralda que viu seu esposo (FONTES, 1937, p. 110)	
Número de ocorrências: 02	
	
BR SEAPES CART PLA 0024	
	
BR SEAPES CART PLA 0031A	

FICHA 10
Topônimo: Rua da Vitória
Termo genérico: Rua
Termo específico: da Vitória
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Ato ou efeito de vencer o inimigo em batalha. = TRIUNFO; representação de um triunfo na guerra; bom êxito.
Etimologia: latim victoria, - ae; (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Avenida no centro da capital; Atualmente é a avenida Carlos Burlamaque.
Informações enciclopédicas: Carlos César Burlamaqu, militar e político nascido em Portugal. Governou o Piauí de 1806 a 1810 e em 1820 foi nomeado Governador de Sergipe, assumindo em 20 de fevereiro de 1821, sendo logo deposto, preso e levado para a Bahia, que não reconhecia a independência de Sergipe. Era pai do brigadeiro Frederico Leopoldo César Burlamaqui (1803-1866) e de Tibério César Burlamaqui (1810-1863) nascidos no Piauí. (BARRETO, 2016)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Quando a prostituta Angelina foi convidada por Seu Carvalhinho a viajar com ele. “Também, criada ali na rua da Vitória no meio de gente à-toa...” (FONTES, 1937, p. 25); 2. Ao se referir a Sá Inácia (FONTES, 1937, p. 49); 3. Quando Gregório reconheceu a filha de Mestre Paulino, Nenen, no prostíbulo (FONTES, 1937, p. 60); 4. O passeio de Esmeralda e Mariana pelos subúrbios de Aracaju (FONTES, 1937, p. 63)
Número de ocorrências: 04
Fac símile: A rua da Vitória, nem a avenida Carlos Burlamarque não estão expressas nos mapas pesquisados.

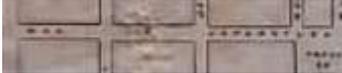
FICHA 11
Topônimo: Rua do Bonfim
Termo genérico: Rua
Termo específico: do Bonfim
Variante(s): n/e
Aceção semântica: Votos que se fazia àqueles que encetavam a última viagem. (PORTO, 2003 p. 120)
Etimologia: Língua Portuguesa
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Foi Bonfim de palha, Nobre de Lacerda, Getúlio Vargas e Sete de Setembro. Deu nome a uma rua, um morro e uma zona de prostituição. (Barreto,
Informações enciclopédicas: Rua principal do meretrício aracajuano, pólo de atração da cidade por muitos anos. Designou nome rua, morro e zona. Atualmente chama-se rua Sete de Setembro.
Função literária do topônimo: memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Quando se referiu a Sá Inácia (tinha fama de enviar mocinhas desviadas do bairro para meia de ricos que eram seus fregueses. (FONTES, 1937, p. 49). 2. A chegada dos marinheiros à Aracaju para alegria das prostitutas. (FONTES, 1937, p. 76)
Número de ocorrências: 02

FICHA 12	
Topônimo:	Rua da Capela
Termo genérico:	Rua
Termo específico:	da Capela
Variante(s):	n/e
Aceção semântica:	1. pequena igreja em casa particular.
Etimologia:	latim <i>capella</i> , -ae; (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica:	Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo:	Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas:	1. Alto da Borborema - Também conhecido como Tabica, era o morro onde terminava o traçado da cidade, pela rua São Cristóvão, no encontro da rua Capela. Junto a ela existiu o primeiro Cemitério de Aracaju cercado de varas, visitado pelo Imperador em 1860; 2. Cabana do Pai Tomaz - Por volta do ano de 1882 o abolicionista Francisco José Alves, após fundar a Sociedade Libertadora Sergipana e o Jornal O Libertador, abriu a sua casa para reuniões em favor da libertação dos negros. Por isso a casa, situada à rua de Capela, recebeu o nome de A Cabana de Pai Tomaz, justamente por causa do livro norte-americano do mesmo nome, da escritora Harriet Becher Stowe, de grande sucesso à época. Muitos anos mais tarde, Aracaju ganhava outra Cabana do Pai Tomaz, na atual avenida Pedro Calasans, em frente ao Grupo Escolar Manoel Luiz, que era uma casa de jogos e um bar de grande frequência popular; 3. funcionava o Hotel Pernambucano; (BARRETO, 2016) Dista 80 Km de Aracaju.
Função literária do topônimo:	Memorialista
Tipo de nomeação:	Sistemática
Presença do termo no catálogo:	Não
Contexto da primeira citação:	1. – Aqui mesmo, na Rua Capela – redarguiu Mariana prontamente. – Todo mundo sabe disso muito bem. Qualquer pessoa mais velha aqui de Aracaju se lembra de Calu, quando era moça. (FONTES, 1937, p. 56)
Número de ocorrências:	01
	
BR SEAPES CART PLA 0031A	

FICHA 13
Topônimo: Rua do Barão
Termo genérico: Rua
Termo específico: do Barão
Variante(s): n/e
Acepção semântica: s.m título de nobreza, imediatamente inferior ao de visconde; pessoa que tem esse título; homem ilustre pelos seus feitos.
Etimologia: latim baro, -onis, do germânico *baro (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: 1. Outrora chamada de rua Barão de Maruim; rua da Conceição pelo fato de seu alinhamento passar em frente a igreja Nossa Senhora da Conceição; foi rebatizada de rua do Barão; em janeiro de 1860 por conta da visita do Imperador denominou tacitamente de rua do Barão de Maruim, pelo fato do cortejo do Imperador, passar por lá; em 8 de janeiro de 1873 uma resolução da Câmara Municipal a denominou de rua Japaratuba; em 5 de novembro 1930 o ato nº 5 denominada rua João Pessoa. (PORTO,2003, p. 99)
Informações enciclopédicas: 1. A rua do Barão foi a primeira de Aracaju a ser calçada a paralelepípedos, em 1919 e que se estendeu de ponta a ponta, da Praça Fausto Cardoso até a estação ferroviária; 2. A instalação de bondes a burros, a construção da estação ferroviária em seu prolongamento, o desenvolvimento dos bairros Santo Antonio e Industrial deram-lhe um caráter de ligação a zona norte da cidade; 3. Lá se instalaram o Hotel Internacional, o Teatro Carlos Gomes (Cinema Rio Branco), o Café Ponto Chique, o Café Central, o Café Universal, o Cinema Universal (Cine Palace), Bar Apolo, os salões de bilhar e em meados da década de 30 a sinuca chegou em Aracaju trazida pelo italiano Marino; 4. O comércio foi muito forte nessa rua com as lojas “Ao preço fixo”, uma distribuidora exclusiva de produtos Phillips, a Alfaiataria Moderna foi fundada em 1888, a Alfaiataria Yankee, Magazine Leite, Livraria Regina, Lojas Mascarenhas dentre outras. (PORTO, 2003, p. 100-118)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Quando as casas comerciais fechavam e a rua do Barão ia enchendo aos poucos por conta do Café Ideal. (FONTES, 1937, p. 76); 2. Quando as casas comerciais cerravam as portas e a rua do Barão começava a encher. (FONTES, 1937, p. 113); 3. Ao descrever o carnaval na rua do Barão (FONTES, 1937, p. 115).
Número de ocorrências: 03

FICHA 14
Topônimo: Rua de Simão Dias
Termo genérico: Rua
Termo específico: de Simão Dias
Variante(s): n/e
Acepção semântica:
Etimologia: Simão “Obediente (Bernardes, <i>Nova floresta</i> , II, 287); (NASCENTES, 1952, p. 382); Dias “Sobrenome. Patronímico. Do latim <i>Didaci</i> , genitivo de <i>Didacus</i> , Diogo (<i>Diplomata et Chartae</i> , pgs. 65 e 102, anos de 971, 992). Antigo <i>Didazi</i> (<i>Idem</i> , pgs. 49 e 334), <i>Diazi</i> (<i>Idem</i> , pgs. 350 e 498, anos de 1080 e 1096). <i>Diaz</i> (<i>Idem</i> , pg. 64, pg. 350, ano de 1080. pg. 431, ano de 1089). Cfr. o espanhol <i>Díaz</i> , V. Cortesão, <i>Onomástico, Subsídios</i> , Cornu, Port. Spr. Nº. 222, Leite de Vasconcelos, <i>Lições</i> , 260, <i>Op.</i> , III, 95, <i>Antr.</i> , 103, 109, Andrés Bello, <i>Gram Cast.</i> , 40, <i>Gram. da Acad. Esp.</i> , 14.” (NASCENTES, 1952, p. 89).
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep N N])
Histórico do topônimo: Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas: Município homônimo distante 104 Km de Aracaju. Segundo a lenda, Simão Dias Francês, nascido em 1594 é filho da união de um soldado francês com uma índia, sendo o primeiro “filho” de Itabaiana. Com a invasão holandesa, deixou a terra natal e foi fixar-se nas matas do Caiçá, região em que, mais tarde, se formaria o município que recebeu seu nome. Temos registros de pedidos de terra por parte deste no território sergipano, como a Carta de sesmaria de Cristóvão Dias, Simão Dias Francês e Agostinho da Costa, datada de 1607. Santos (2012) afirma que foi impossível identificar a inscrição do topônimo a carta de Simão Dias despachada em janeiro de 1602 não estar em posse do IHGSE (CD 0024, livro 6, [f. 132]). Freire (1891) referencia, em sua História de Sergipe, <i>Simão Dias</i> como marca toponímica: “Matas de Simão Dias”; “tornavam-se conhecidos os sertões de Itabaiana e Simão Dias”; “Figurava como principal fazendeiro de então Simão Dias, morador em Sergipe desde 1599, e que no começo do século XVII tinha obtido sesmaria na Itabaiana. Daí vem o nome da atual cidade de Simão Dias, cujo local deve ser o mesmo do curral e fazenda desse criador de gado” (FREIRE, 1891, p. 342; 65; 77). A patrimonialização em pedra e cal desse referente no perímetro da cidade expõe como a história local tenta ilustrar a atuação desse colono e fundador da localidade de forma heroica, como um bandeirante ou um desbravador. (SANTOS, 2019)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Quando o grupo musical do Crispim vem em desfile pela rua com dois violões, uma flauta, uma sanfona e dois cavaquinhos em direção à rua do Siriri. Descendo a Rua de Simão Dias... (FONTES, 1937, p. 92)
Número de ocorrências: 01


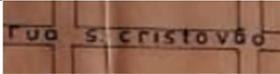
FICHA 15	
Topônimo: Rua de Laranjeiras	
Termo genérico: Rua	
Termo específico: de Laranjeiras	
Variante(s): n/e	
Aceção semântica: S.f. 1. [Botânica] Designação comum às árvores cítricas da família das rutáceas, de folhas perenes, alternas e verde-escuras, flores hermafroditas brancas muito perfumadas e fruto esférico sumarento, a laranja; 2. [Botânica] Árvore cítrica (<i>Citrus sinensis</i>) da família das rutáceas, por vezes espinhosa, de folhas ovaladas, fruto esférico de casca rugosa com polpa sumarenta doce e ligeiramente ácida, nativa da China. = LARANJEIRA-DA-CHINA, LARANJEIRA-DOCE.	
Etimologia: Laranjeiras - <i>laranja</i> “ sf. ‘fruto da laranjeira, planta da família das rutáceas’ XIV. Do árabe <i>nāranġa</i> , derivado do persa <i>nārang</i> . laranjEIRA -geira XIV.” (CUNHA, 2010, p. 382).	
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep N])	
Histórico do topônimo: Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, p. 101). Antiga rua São Salvador.	
Informações enciclopédicas: na esquina com a rua João Pessoa funcionava o Café Central; funcionou a alfândega, bar da Antártica, bar do Neri, bar do português, bar do Pedro Negrinho, bilhar de Zé do Sol, a sede do Aracaju Foot Ball Club, Cassino 5 de julho, C’Est Ci Bon bar e sorveteria, cabaré de Doninha Piula. (BARRETO, 2016) Município distante 22,1 Km de Aracaju.	
Função literária do topônimo: Memorialista	
Tipo de nomeação: Sistemática	
Presença do termo no catálogo: Não	
Contexto da primeira citação: 1. Quando o Chefe de Polícia decreta a mudança de endereço das prostitutas. (FONTES, 1937, p. 09); 2. Ao descrever que a extensão do quintal alcança a rua do Rosário. (FONTES, 1937, p. 12) 3. Sobre o grupo de homens que se formava na Praça do Palácio (FONTES, 1937, p. 107); 4. Quando Branca diz a Esmeralda que viu seu esposo (FONTES, 1937, p. 110); 5. A demora de Mariana em retornar para casa (FONTES, 1937, p. 118).	
Número de ocorrências: 05	
	BR SEAPES CART PLA 0024

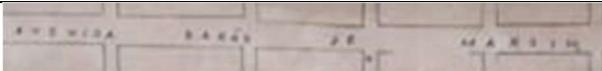
FICHA 16	
Topônimo:	Rua do Fogo
Termo genérico:	Rua
Termo específico:	do Fogo
Variante(s):	n/e
Aceção semântica:	Fogo sm. Resultado ou manifestação da combustão; Conjunto de substâncias em combustão (Priberam, 2025)
Etimologia:	Latim focus
Estrutura morfológica:	Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo:	Atualmente é chamada rua Japaratuba.
Informações enciclopédicas:	Nesta rua funcionava a Lira Sergipana, famosa pela formação de músicos
Função literária do topônimo:	Memorialista
Tipo de nomeação:	Sistemática
Presença do termo no catálogo:	Não
Contexto da primeira citação:	As duas foram, uma noite, procurar Seu Aleixo, um preto que mora na Rua do Fogo e faz mandingas para essas coisas... (FONTES, 1937, p. 58)
Número de ocorrências:	01
	
<i>Rua de Japaratuba</i>	

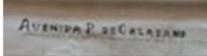
FICHA 17
Topônimo: Rua do Socorro
Termo genérico: Rua
Termo específico: do Socorro
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Ato ou efeito de socorrer; esmola.
Etimologia: Derivação regressiva de socorrer. (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: A Intendência Municipal, em 1911, baixou instrução dizendo de onde era permitido retirar areia para aterros e construções. Os locais eram os seguintes: Alto norte da rua de Capela; rua de Geru em direção a rua de Divina Pastora; Alto da rua de Itabaianinha, no extremo norte de modo a facilitar a comunicação com a antiga rua de Socorro. (BARRETO, 2016)
Obs. Não encontramos registros de como passou a se chamar esta rua.
Informações enciclopédicas: Município homônimo distante 17,1 km de Aracaju. Nossa Senhora do Socorro. Segundo o histórico do IBGE (2019), fundou-se um pequeno núcleo demográfico na região do Rio Cotinguiba, que a 25 de setembro de 1718, foi elevado à categoria de freguesia sob a invocação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tomar da Cotinguiba. Desde então, diversas mudanças tem incluído e excluído itens lexicais dessa freguesia nas denominações administrativas. Inicialmente, apenas Socorro, depois a Cotinguiba, e, até então, Nossa Senhora do Socorro. Em 31 de dezembro de 1943 passou a ter a denominação de Cotinguiba, por força da Legislação Federal, que proibia a duplicidade de nomes dos municípios brasileiros. Contudo, segundo o IBGE (2019), “o novo topônimo era usado somente em documentos oficiais, nunca chegando à linguagem do povo, e, por isto, atendendo a tal motivo, os poderes constituídos do Estado através da Lei estadual nº 554, de 6 de fevereiro de 1954, fizeram-no voltar a denominar-se Nossa Senhora do Socorro” (SANTOS, 2019, p. 308)
Função literária do topônimo: memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Quando do retorno da prostituta Almerinda à Aracaju, lembra-se de sua gênese como prostituta na rua do Socorro. (Fontes, 1937, p. 90).
Número de ocorrências: 01

FICHA 18
Topônimo: Rua do Geru
Termo genérico: Rua
Termo específico: do Geru
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Aju-rú, boca de gente; fala como gente. É o nome dos papagaios, Alt. Agirú, Ajurú. Sergipe. (SAMPAIO, 1901, p. 233)
Etimologia: Geru “alteração de juru, boca de mato, entrada de mato” (BUENO, 2008, p. 586); “Gerú. Veja <i>jerú</i> .” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 49); “ <i>Jerú</i> – Papagaio. O mesmo que <i>Paragoai</i> .” (DIAS, 1858. In: BUENO, 2008, p. 467); “GERÚ – Corruptela de <i>ajur</i> -pescoço; <i>u</i> -preto, escuro: <i>ájurú</i> ou <i>agerú</i> , nome de uma espécie de papagaios” (GUARANÁ, 1916, p. 307).
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas: 1. Na rua de Geru, no centro da Cidade, funcionava a venda de banhos, num prédio de propriedade de Apulcro Mota; 2. Existia um prolongamento da rua de Geru e da rua do Alecrim que liga a rua de Lagarto a rua de Simão Dias, chamado Geruzinho; 3. Havia na rua de Capela, esquina com a rua de Geru, o Hotel Pernambucano com dois pavimentos, chamando a tenção, à época, tanto pelas linhas da sua arquitetura, como por estar solto, quase perdido junto ao areal do Bonfim; O Hotel Sergipe também situava-se na rua de Geru.(BARRETO, 2016); Tomar do Geru é um município distante 133 km de Aracaju. O topônimo atual conjuga um vocábulo indígena que remete à formação dessa aglomeração humana nos primórdios da colonização e outro vocábulo que referencia a intervenção institucional da Metrópole e da Igreja no processo de dominação do território sergipano. Ao considerar as mudanças toponímicas dessa localidade e ao tomar os relatos historiográficos podemos compreender tal contexto. O histórico do município destaca que “os jesuítas que chegaram para catequizar os nativos da região eram provenientes da cidade de Tomar em Portugal. No século XVII, os missionários da Companhia de Jesus iniciaram o trabalho de administrar a aldeia de Geru, cujos nativos pertenciam a tribo dos índios Quiriris, que ocupavam as terras, do sertão de Jacobina até o Rio São Francisco. Após vinte anos de luta é que se fizeram cumprir por imposição da colônia a tão desejada estabilidade dos nativos. Assim, por Carta Régia de 22 de novembro de 1758, o rei declarava livre todos os índios do território sergipanos, ao tempo em que criava a aldeia de Geru, que passou a chamar-se Nova Távora ou Tomar. (SANTOS, 2019, p. 335)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da citação: Quando Angelina contesta Belisana sobre o sofrimento das prostitutas cariocas, ao informar que sofreu muito na Rua do Geru e rua do Topo. (Fontes, 1937, p. 107)
Número de ocorrências: 01

 BR SEAPES CART PLA 0031A
FICHA 19
Topônimo: Rua de São Cristóvão
Termo genérico: rua
Termo específico: de São Cristóvão
Variante(s): n/e
<p>Aceção semântica: São - santo “<i>sm.</i> ‘sagrado’ ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’ ‘segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um dos seus nomes, sublinhando a transcendência da natureza divina’ XIII Do latim <i>sanctus -a -um</i>” (CUNHA, 2010, p. 580).</p> <p>Cristóvão “<i>s. m.</i> Nome de homem. Do grego <i>Christophóros</i>, de <i>Christós</i>, Cristo, e <i>phóros</i>, portador, pelo latim <i>Christophoru</i>, que por analogia com <i>Stephanu</i> se teria transformado num suposto <i>Christophanu</i>, donde o italiano <i>Cristofono</i> e o português Cristóvão. O elemento <i>Christo</i>, lembrando Cristo, impediu a dissimilação o primeiro <i>r</i> (Grammont, <i>La Dissimilation</i>, 88). Mussafia, <i>Beitrag zur Kunde der norditalien. Mundarten</i>, pg. 12, nº. 4, procura explicar foneticamente e não por analogia a forma italiana. Ribeiro de Vasconcelos, <i>Gram. Hist.</i>, 64, admite a seguinte cadeia: <i>Christophoru-Cristoforo-Cristofo-Cristovo</i> e daí pela analogia com <i>Estêvão</i>, <i>Cristóvão</i>. Existe uma forma popular <i>Cristovo</i>, vinda de Cristóvão, como as formas <i>Estevo</i>, <i>orfo</i>, <i>orgo</i>, vindas de Estêvão, órfão, órgão, por uma redução e uma denasalação do ditongo final destes paroxítonos, mas da transformação oposta não há exemplo. Cortesão, <i>Subsídios</i>, assinala <i>crestouulo</i> (<i>Diplomata</i>, 458, ano de 1092), <i>Christophori</i> (<i>ibidem</i>, 485, ano de 1095) e <i>christophano</i> (<i>Leges</i>, 586, ano de 1220). [...] Nunes interpreta metaforicamente o nome: <i>Cristóforo</i> é o que, segundo S. Mateus, <i>XI</i>, 29, toma sobre si o jugo raiz de <i>phaino</i>, mostrar, parecer: o que se parece com Cristo. V. Moreau, <i>Larousse</i>. Max Muller, <i>Léçons</i>, III, 311, Leite de Vasconcelos, <i>Op.</i>, III, 93, <i>Antr.</i>, 59, 515, Nunes, <i>RL</i>, XXXII, 89.” (NASCENTES, 1952, p. 83). (Santos, 2019, p.)</p>
Etimologia: Língua Portuguesa
Estrutura morfológica: Composta (SN [Adj +N])
Histórico do topônimo: Recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
<p>Informações enciclopédicas:</p> <p>Município distante 22,4 km de Aracaju. São Cristóvão foi a primeira cidade e capital de Sergipe. Sua toponímia, sem dúvidas, foi denominada em 1590, quando Cristóvão de Barros, no ano de 1590, governando interinamente a Bahia o Provedor-Mór da Fazenda Real, recebeu uma ordem de Felipe II da Espanha e Felipe I de Portugal para que fosse refrear os insultos dos nativos acima do Rio Real, os quais incorporados com os Franceses causavam por todo o vasto distrito de Sergipe os danos mais desastrosos. Parte logo Cristóvão de Barros que levou em sua companhia muitos moradores da Bahia, que o ajudaram nesta conquista, conhecida pela historiografia como Guerra de Sergipe (SEPLAG, 2014; FREIRE, 1977 [1891]; NUNES, 1989). “Depois de ganhar muitas vitórias e de ter afugentado os Índios para os remontados sertões, fundou no sítio denominado Aracajú, perto da barra por onde deságua no mar o rio Sergipe, uma cidadela, à qual apelidou, para memória de seu nome, de São Cristóvão de Sergipe d'El-Rei” (SEPLAG, 2014, p. 436), topônimo que se mantém até os dias atuais. (SANTOS, 2019, p. 327)</p>

Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Naquele dia, seguiram da Rua de São Cristóvão até o Matadouro Velho... (Fontes, 1937, p. 63)
Número de ocorrências: 01
 BR SEAPES CART PLA 0024

FICHA 20
Topônimo: Avenida Barão de Maroim
Termo genérico: Avenida
Termo específico: Barão de Maroim
Variante(s): n/e
Acepção semântica:
Etimologia: Barão: latim baro, -onis, do germânico *baro (Priberam, 2025); Maroim: tupi
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Avenida Barão de Maruim
Informações enciclopédicas: Logradouro que leva o nome de um importante político aracajuano; Ponto delimitador/divisor dos bairros Centro e São José. (BARRETO, 2016); A Avenida Barão de Maruim fez parte do projeto para a edificação da Cidade, feito por Sebastião José Basílio Pirro. O projeto se resumia em um simples plano de alinhamentos de ruas dentro de um quadrado com 1.188 metros que se estendia da antiga embocadura do Rio Aracaju, até as confluência da Avenidas Ivo do Prado com a Avenida Barão de Maruim, e desta com a Rua Dom Bosco, antiga São Paulo. Na Avenida, próxima a Praça Camerino, está localizada a antiga Residência do Dr. Leonardo Gomes de Carvalho Leite, atual sede da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional (Iphan) em Sergipe. Na Avenida também estava localizada a antiga residência do Dr. Augusto Leite, porém esta foi demolida e em seu local atualmente se encontra uma agência da Caixa Econômica Federal. (IBGE, 2015)
Função literária do topônimo: Mimética
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Sim
Contexto da primeira citação: 1. ... se estendia desde o Alto de São Cristóvão até a Avenida Barão de Maroim. (Fontes, 1937, p. 11)
Número de ocorrências: 01
 BR SEAPES CART PLA 0031A

FICHA 21	
Topônimo:	Avenida Pedro Calasãs
Termo genérico:	Avenida
Termo específico:	Pedro Calasãs
Variante(s):	Atualização ortográfica para <i>Pedro Calazans</i>
Aceção semântica:	Pedro: Significa "pedra", "rochedo"; (Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/antonio/); Calazans: sobrenome; Pedro Calasãs: Pedro Luziense de Bitencourt Calasans, poeta (Santa Luzia do Itanhý – Engenho Castelo 29.11.1837 – No mar, a bordo do navio que o levaria para Lisboa 24.2.1874). Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife ocupou diversas funções como Promotor, magistrado e Deputado Geral (1861-1864). Publicou diversas obras, dentre elas: <i>Páginas Soltas</i> (Recife, 1855), <i>Ofenísia</i> (Bruxelas, 1864), <i>Wiesbade</i> (Leipzig: F.A. Brocklans, 1864), <i>A Cascata de Paulo Afonso</i> (Salvador-BA: Oficina Dois Mundos, 1906) foi publicada postumamente. (BARRETO, 2016)
Etimologia:	Língua Portuguesa
Estrutura morfológica:	SN [N N]
Histórico do topônimo:	Antiga rua do Rosário; Era o antigo nome Praça Camerino. Hoje é a avenida que começa na avenida Coelho e Campos e termina na entrada da praça da Bandeira. (Barreto, 2016)
Informações enciclopédicas:	Político aracajuano; Beco do cigarro Víctor; funcionava o Grupo Escolar Manuel Luiz; Doninha Piula- Famosa prostituta de Aracaju, com domicílio à rua Laranjeiras entre as ruas Siriri e Rosário, hoje avenida Pedro Calasans; Cabaré Curral; Cinema Guarany; funciona até hoje a Paróquia Nossa Senhora do Rosário. (BARRETO, 2016)
Função literária do topônimo:	Mimética
Tipo de nomeação:	Sistemática
Presença do termo no catálogo:	Sim
Contexto da primeira citação:	Quando as prostitutas da avenida Pedro Calasãs foram prestar a última homenagem a prostituta Rosa por ocasião da morte dela. (FONTES, 1937, p. 102)
Número de ocorrências:	01
	BR SEAPES CART PLAN 0028

FICHA 22	
Topônimo:	Praça do Palácio
Termo genérico:	Praça
Termo específico:	do Palácio
Variante(s):	n/e
Aceção semântica:	s. m. 1. casa vasta e suntuosa, onde geralmente residem ou residiam monarcas, chefes de Estado etc. = PAÇO; edifício de grandes dimensões onde estão instalados determinados serviços do poder executivo, judicial ou legislativo (ex.: Palácio da Justiça); Edifício grandioso. (Priberam, 2025)
Etimologia:	latim Palatium, -ii, monte Palatino (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica:	Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo:	Atualmente chama-se Praça Fausto Cardoso
Informações enciclopédicas:	1. Da praça do Palácio foram planejadas as ruas, nos três sentidos – norte, sul e oeste, prevendo que a cidade pudesse avançar 1.188 metros em cada direção; 2. Um terreno na praça do Palácio estava destinado à construção da igreja matriz de Aracaju, mas terminou cedendo lugar ao edifício da Assembleia; 3. Fausto Cardoso foi morto na praça do Palácio, que hoje leva o seu nome, por uma bala de fuzil de um soldado das forças legais, que tentavam repor o presidente deposto; 4. A praça do Palácio, peão do ordenamento urbano da cidade, estava arborizada em 1865 com palmeiras, nogueiras, mangueiras e tamarindeiras; 5. O primeiro jardim de Aracaju ficava entre a praça do Palácio hoje Fausto Cardoso e a praça da Igreja. (BARRETO, 2016)
Função literária do topônimo:	Memorialista
Tipo de nomeação:	Espontânea
Presença do termo no catálogo:	Não
Contexto das citações:	1 Quando se refere às comemorações alusivas ao 15 de novembro na Praça do Palácio. (Fontes, 1937, p. 18); 2. Sobre o grupo de homens que se formava na Praça do Palácio (Fontes, 1937, p. 107); 3. Somente de andarem um largo trecho, já à altura da Praça do Palácio. (Fontes, 1937, p. 110)
Número de ocorrências:	03
	
BR SEAPES CART PLA 0024	

FICHA 23
Topônimo: Praça Pinheiro Machado
Termo genérico: Praça
Termo específico: Pinheiro Machado
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Pinheiro: pinho + -eiro: designação dada a várias árvores do gênero Pinus; Machado: latim vulgar *marculatus, do latim marculus, -i, diminutivo de marcus -i, martelo. (Priberam, 2025)
Etimologia: Língua Portuguesa
Estrutura morfológica: Composta (SN [N N])
Histórico do topônimo: 1. Até 1916 chamou-se Praça da Conceição; 2. Recebeu no início do Século XX o nome de Treze de Maio, que perdurou por pouco tempo; 3. Foi denominada Pinheiro Machado pela Lei Municipal 181, de 22 de novembro de 1915, em homenagem ao Senador e General Honorário do Exército Brasileiro assassinado; 4. O Ato Municipal nº 24, de 8 de julho de 1931, denominou Praça Tobias Barreto. (PORTO, 2003 p. 181-185)
Informações enciclopédicas: 1. Praça antiga do bairro São José; 2. José Gomes Pinheiro Machado (Cruz Alta-RS 1852 - Rio de Janeiro 1915), general honorário do Exército Brasileiro, líder do Partido Republicano Conservador; 3. Funcionava o Grupo General Valadão; 4. Era o ponto mais extremo a Oeste dentro do quadrado de Pirro. (BARRETO, 2016) 5. Em 10 de julho de 1916 registra-se a primeira partida de futebol na Praça Pinheiro Machado, após a transferência das partidas da Praça Fausto Cardoso; 6. Em 24 de outubro de 1920 a Praça Pinheiro Machado recebeu a estátua de Tobias Barreto (PORTO, 2003 p. 181-185); Hoje é nome de rua no bairro Joaquim Távora (Lei Municipal 05/1949);
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da citação: Tomavam um bonde, que as levava da Fundação a Chica Chaves; outro que ia da Praça Pinheiro Machado a Santo Antônio; ou ainda o que fazia a volta da Avenida. (Fontes, 1937, p. 75)
Número de ocorrências: 01
Fac símile: Praça Pinheiro Machado 

FICHA 24	
Topônimo: Praça da Matriz	
Termo genérico: Praça	
Termo específico: da Matriz	
Variante(s): n/e	
Acepção semântica: s.f. Lugar onde alguma coisa nasce ou se gera; fonte, manancial; nascente de água; igreja principal da localidade; forma usa para fazer cópias ou reproduções; = PRIMORDIAL, PRINCIPAL; que dá origem a alguma coisa; relativo à sede de uma entidade a partir da qual ela cresce. = MATRICIAL	
Etimologia: latim matrix, -icis. (Priberam, 2025)	
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])	
Histórico do topônimo: Praça no entorno da Igreja Nossa Senhora da Conceição ou Catedral Metropolitana de Aracaju, antes mesmo da igreja ser inaugurada em 1875. (BARRETO, 2016)	
Informações enciclopédicas: 1. As tropas do 26º e 33º Batalhões, de passagem para Canudos para combaterem os liderados de Antônio Conselheiro, acamparam em Aracaju, na praça da Matriz, hoje Olímpio Campos, em 1897, com dezenas de barracas de lona; 2. Por algum tempo, praça da Matriz era duas praças: Benjamim Constant do lado leste, Mendes de Moraes do lado oeste. Antes fora a praça da Matriz quando apenas estava projetada a nova igreja de Aracaju; 3. As festas natalinas aconteciam na praça da Matriz; 4. Na praça da Matriz encontramos a Igreja Nossa Senhora da Conceição ou Catedral Metropolitana de Aracaju, construída em 1862, mas só foi inaugurada em 1875. (BARRETO, 2016)	
Função literária do topônimo: Memorialista	
Tipo de nomeação: Sistemática	
Presença do termo no catálogo: Não	
Contexto da citação: A animação das prostitutas para se divertirem na Praça da Matriz para celebrarem o Natal. (Fontes, 1937, p. 96)	
Número de ocorrências: 01	
	BR SEAPES CART PLA 0024

FICHA 25
Topônimo: Atalaia
Termo genérico: n/e
Termo específico: Atalaia
Variante(s): n/e
Aceção semântica: s.f. 1. Torre, guarita ou lugar alto donde se vigia = SENTINELA; , lugar alto para vigilância, sentinela.. (Priberam, 2025)
Etimologia: Árabe at-talai'a, plural de talaia (Priberam, 2025) .
Estrutura morfológica: Simples (SN [N])
Histórico do topônimo: 1. Primeiramente Atalaia Velha. 2. Hoje é denominada Atalaia por força da Lei Municipal nº 873, de 01 de outubro de 1982.
Informações enciclopédicas: Principal praia de Aracaju; já pertenceu ao município de São Cristóvão; Bar do Corno velho, Bar Ponto Chic (década de 50), Bar e restaurante Tropeiro, Vaqueiro Bar e Restaurante. (BARRETO, 2016); 1. A Atalaia até os primeiros anos da década de 30, era uma praia de difícil acesso; 2. Lá se instalou telegráfica da Air France; No início dos anos 30, as viagens para Atalaia eram feitas em carroças, charretes ou nos velhos fords, até as margens do Rio Poxim, atravessava de canoa, e o resto do percurso era feito a pé ou em carros movidos à tração animal; 3. Na II Guerra Mundial a 3ª Bateria da Costa acampou na Atalaia em barracas instaladas na areia; inicialmente era reduto de veranistas, hoje a Atalaia é grande, agitada e barulhenta. (MELINS, 2007, p. 267-274); A primeira ponte que ligou Aracaju a Atalaia foi construída em 1936 (BRITO NETO, 2015, p. 22); A praia de Atalaia é um dos pontos turísticos mais famosos de Sergipe com seus bares, restaurantes, a praça do forró dentre outros atrativos.
Função literária do topônimo: Mimética
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Sim
Contexto da primeira citação: Acerca da beleza e energia da prostituta Djanira quando comparecia às farras na Atalaia e no Saco. (Fontes, 1937, p. 32)
Número de ocorrências: 01

FICHA 26
Topônimo: Saco
Termo genérico: n/e
Termo específico: Saco
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Receptáculo flexível, geralmente mais comprido que largo, aberto por cima e cosido ou colado por baixo e dos lados. (Priberam, 2025)
Etimologia: Latim <i>saccus</i> , i
Estrutura morfológica: Simples (SN [N])
Histórico do topônimo: As informações acerca do arraial Saco são bastante escassas e só conseguimos menção a ele quando apontamos a localização do sítio da Senhora Chica Chaves. (PORTO, 2003).
Informações enciclopédicas: Em 1901 eram listados como arraiás de Aracaju: Bairro Industrial, Bairro Vermelho, Fundação, Gengibre, Getimana, Jabotiana e Saco . (BARRETO, 2016)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Acerca da beleza e energia da prostituta Djanira quando comparecia às farras na Atalaia e no Saco. (Fontes, 1937, p. 32)
Número de ocorrências: 01

FICHA 27
Topônimo: Aribé
Termo genérico: n/e
Termo específico: Aribé
Variante(s): n/e
Acepção semântica: O cacho, a penca (Sampaio, 1901, p. 201)
Etimologia: tupi. Arybe
Estrutura morfológica: Simples (SN [N])
Histórico do topônimo: Denominou-se Aribé até o início da década de 1930. Atualmente é Siqueira Campos, que é a denominação de um dos maiores bairros de Aracaju.
Informações enciclopédicas: O nome Aribé foi dado durante a Intendência de Teófilo Dantas depois do levantamento das construções daquela área na zona oeste da cidade onde morava a ceramista e oleira Maria Aribé. Na administração de Camilo Calazans o bairro Aribé passou a chamar-se Siqueira Campos. (BARRETO, 2016); Em meados de 1923 começou a implantação de novas ruas que teriam 15 metros de largura; o Ato nº 1, de 3 de janeiro de 1931 publicado no Diário Oficial do dia seguinte, dá o nome do herói tenentista Siqueira Campos a uma praça no Aribé, limitada pelas ruas Goiás, Pernambuco, Bahia e Santa Catarina. Tal ato deve ter causado reboiço nos arraiais revolucionários e no dia 6 do mesmo foi republicado a incorreção e o nome Siqueira Campos é atribuído ao bairro; dois moradores do Aribé contribuíram para o progresso do bairro: Mariano Salmeron e Carlos Correia. (PORTO, 2003 p. 69-71). Em 1902 é inaugurado o cemitério da Cruz Vermelha, também conhecido como Cambuys, destinado a realizar sepultamentos em covas rasas para atender a população pobre, desvalidos de toda sorte na Capital. Localizado na antiga Praça dos Expedicionários, hoje Ranulfo Prata. (SANTOS, 2022 p. 37)
Função literária do topônimo: Mimética e memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Sim
Contexto da primeira citação: 1. Quando se referiu a Sá Inácia (tinha fama de enviar mocinhas desviadas do bairro para meia de ricos que eram seus fregueses. (Fontes, 1937, p. 49); 2. Ao referir-se da proximidade do cemitério Cambuís da zona do Aribé. (Fontes, 1937, p. 102)
Número de ocorrências: 02

FICHA 28
Topônimo: Chica Chaves
Termo genérico: n/e
Termo específico: Chica Chaves
Variante(s): n/e
Aceção semântica: Chica : Palavra derivada de Francisca; Chaves : s.f. 1. Instrumento com que se faz correr a lingueta de uma fechadura para a abrir ou fechar. (Priberam, 2025).
Etimologia: Chica: Chico, antropônimo; Chaves: latim clavis, -e. (Priberam, 2025).
Estrutura morfológica: Simples (SN)
Histórico do topônimo: Nos primeiros anos da Capital, era chamado de Maçaranduba; no correr da segunda metade do século passado passa a ser chamado Chica Chaves; em 1913 surge o Bairro Siqueira de Menezes, antes de consolidar-se como Bairro Industrial teve outra denominação: o Tecido, por conta da Fábrica Confiança; a denominação de Bairro Industrial foi regulamentada pelo Código de posturas de 1937. (PORTO, p. 135-141)
Informações enciclopédicas: Em março de 1884 começa o funcionamento da Fábrica Sergipe Industrial; em julho de 1908 inicia a construção da Fábrica Confiança; existiu um bloco carnavalesco chamado papai sacode, composto por operários, operárias e familiares; Chica Chaves era uma senhora muito relacionada na sociedade aracajuana e residia em um sítio na parte norte da cidade, que era bastante frequentado por pessoas de destaque. (PORTO, p. 135-141)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Iam ao Carro Quebrado, ao Carvão, nas cercanias de S. Antonio, em Chica Chaves. (Fontes, 1937, p. 63); 2. Tomavam um bonde, que as levava da Fundação a Chica Chaves; outro que ia da Praça Pinheiro Machado a S. Antônio. (FONTES, 1937, p. 75)
Número de ocorrências: 02

FICHA 29	
Topônimo: Santo Antônio	
Termo genérico: n/e	
Termo específico: Santo Antonio	
Variante(s): n/e	
Aceção semântica:	
Santo: [Religião] Usa-se antes do nome masculino de um santo começado por vogal (ex.: <i>Santo Antônio</i>) ou antes de um nome feminino de uma santa (ex.: <i>Santa Teresa</i>). [Confrontar: são]; Antônio:	
Etimologia: Santo: latim <i>sanctus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> , tornado sagrado ou inviolável; (Proberam, 2025) Antonio: Latim Antonius. (Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/antonio/)	
Estrutura morfológica: Simples (SN)	
Histórico do topônimo: 1. Santo Antonio do Aracaju era o nome do povoado escolhido para ser a nova Capital. (Barreto,)	
Informações enciclopédicas: Antigo povoado de Santo Antônio do Aracaju e fazia parte da Freguesia de Nossa Senhora do Socorro da Cotinguiba; 2. O ponto mais extremo ao Norte da cidade. (BARRETO, 2016)	
Função literária do topônimo: Mimética	
Tipo de nomeação: Sistemática	
Presença do termo no catálogo: Sim	
Contexto da citação: : 1. Iam ao Carro Quebrado, ao Carvão, nas cercanias de S. Antonio, em Chica Chaves. (Fontes, 1937, p. 63); 2. Tomavam um bonde, que as levava da Fundação a Chica Chaves; outro que ia da Praça Pinheiro Machado a S. Antônio. (Fontes, 1937, p. 75); 3. Ao se referir à Igreja de Santo Antonio (Fontes, 1937, p. 63); 4. Trilhando vielas de Santo Antonio e os aterros do Tecido conheceu o homem que se fez seu namorando e a seduziu. (Fontes, 1937, p. 90)	
Número de ocorrências: 04	
	BR SEAPES CART PLA 0001A

FICHA 30
Topônimo: Ponte do Imperador
Termo genérico: Ponte
Termo específico: do Imperador
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Imperador s.m 1. Aquele que impera; 2. Soberano de um império;
Etimologia: latim <i>imperator</i> , <i>-oris</i> . (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Expressa nas cartas de visita do Imperador em 1860.
Informações enciclopédicas: Ponte que foi construída para o desembarque Dom Pedro II, em 11 de janeiro de 1860, quando veio visitar a nova Capital do Estado de Sergipe; lá atracou o Comandante Miranda, vapor que trouxe o Senador e Presidente Washington Luiz Pereira de Souza; Também foi chamada por algum tempo de Ponte do Governador. (BARRETO, 2016)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da citação: Quando Branca e Esmeralda caminham em direção a Ponte do Imperador e tomaram assento em um dos bancos. (FONTES, 1937, p.110)
Número de ocorrências: 01

FICHA 31
Topônimo: Carro Quebrado
Termo genérico: n/e
Termo específico: Carro Quebrado
Variante(s): n/e
Aceção semântica: S.m. Carro : 1. Veículo de rodas para transporte de pessoas ou mercadorias (ex.: <i>carro de bois</i>); 2. Veículo com motor próprio, geralmente com quatro rodas, destinado a transporte de passageiros ou de carga. = AUTOMÓVEL; Quebrado : Adj. 3. Falido; arruinado; 8. [Brasil, Informal] Que sofreu avaria; que não funciona. = AVARIADO, ESTRAGADO.
Etimologia: Carro: latim <i>carrus</i> , <i>-i</i> , carro de quatro rodas, carroça; Quebrado: Particípio de quebrar. (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica: Composta (SN)
Histórico do topônimo: 1. Pequena praça triangular, que existiu na interseção das ruas Stanley Silveira e Zaqueu Brandão. (PORTO, p. 127); Hoje o Carro Quebrado é a confluência da avenida D. Edézio Vieira de Melo com as ruas General Chaves, Nossa Senhora do Socorro e travessa Frei Paulo. (BARRETO, 2016)
Informações enciclopédicas: 1. A origem do nome é oriunda da quebra de um carro de bois que servia de ponto de encontro. Atualmente acontece uma festa carnavalesca homenageando o carro Quebrado; Principal acesso para o balneário de Atalaia; Bariri (campo de futebol); Bilhar São Nã; Riacho Tororó. (BARRETO, 2016);
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Iam ao Carro Quebrado, ao Carvão, nas cercanias de S. Antonio, em Chica Chaves. (FONTES, 1937, p. 63);
Número de ocorrências: 01

FICHA 32
Topônimo: Carvão
Termo genérico: n/e
Termo específico: Carvão
Variante(s): n/e
Aceção semântica: S.m. 1. Produto que resulta da combustão da madeira ao abrigo do ar. (Ver hulha.); 2. Lenha mal queimada e apagada para combustível;
Etimologia: latim <i>carbo</i> , <i>-onis</i> .
Estrutura morfológica: Simples (SN)
Histórico do topônimo: Também foi chamado de ponta do Tramandaí e Inflamável, atualmente a região é conhecida como Iate. (PORTO, 2003, p. 129);
Informações enciclopédicas: Depósito de querosene, sendo mais tarde chamado de inflamável. Antiga curva do carvão, hoje curva do Iate Clube. (BARRETO, 2016)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Iam ao Carro Quebrado, ao Carvão, nas cercanias de S. Antonio, em Chica Chaves. (FONTES, 1937, p. 63)
Número de ocorrências: 01

FICHA 33
Topônimo: Alto de Areia
Termo genérico: Alto
Termo específico: de Areia
Variante(s): n/e
Acepção semântica: S.f. 1. Substância mineral pulverulenta ou granulosa; 2. Área coberta por essa substância, geralmente junto ao mar ou rio. = AREAL, PRAIA; 3. areia, terreno arenoso, arena. (Priberam, 2025)
Etimologia: latim <i>arena</i> , <i>-ae</i> ,
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep N])
Histórico do topônimo: 1. Denominação dada a região mais alta; 2. Também chamado de Alto da Tabica até o desaparecimento do Sr. Manoel Batista de Oliveira Tabica, morador da região; em seguida passou a ser chamado de Morro da Borborema, do tupi porá-pora-eyma que significa sem morador, sem habitante. (PORTO, 2003 p. 63-66)
Informações enciclopédicas: Alto da Bela Vista - Morro que deu nome à região hoje conhecida como Suíça, formado por várias dunas alvas; Era o grande playground dos meninos, pois o céu era festa de pipas e arraias; Em 1913 o volume do Alto de Areia foi diminuído por conta das obras do porto para aterrar a área atrás do cais, com início no antigo inflamável, hoje late Clube. (PORTO, p. 63-65)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Certas ocasiões, limitavam-se a galgar o Alto de Areia para uma demorada visita a tia Ernestina. (FONTES, 1937, p. 63)
Número de ocorrências: 01

FICHA 34
Topônimo: Fundição
Termo genérico: n/e
Termo específico: Fundição
Variante(s): n/e
Acepção semântica: S.f. 1. Ato ou efeito de fundir metais; 2. Fábrica onde eles se fundem; 3. Metal fundido;
Etimologia: Latim “fundere” – fundir - que significa verter, derramar. (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica: Simples (SN [N])
Histórico do topônimo: 1. Na segunda metade do século passado a avenida Ivo do Prado chamava-se Fundição, desde a travessa Martinho Garcez até a avenida Augusto Maynard. (BARRETO, 2016 p. 163-166).
Informações enciclopédicas: 1. Na fundição funcionavam a Saboaria Aurora, a Fundição dos Adams e Smith, a Saboaria de Pereira & Espinheira e a Serraria de José Alcides Leite; 2. Considerada o nosso primeiro distrito industrial; A área da Fundição era muito procurada para o veraneio; 3. A Fundição tinha a característica de não ter rua transversal, desde a travessa Martinho Garcez até a rua do Angelim; 4. Entre 1939 e 1944, as gestões de Godofredo Diniz e José Garcez Vieira, foram prolongadas, até a Avenida Ivo do Prado as ruas Senador Rolemberg, Riachuelo, Campos e Duque de Caxias. (PORTO, 2003 p. 163-166)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Tomavam um bonde, que as levava da Fundição a Chica Chaves; outro que ia da Praça Pinheiro Machado ao S. Antônio. (FONTES, 1937, p. 75); 2. Ao se referir ao sumiço das casas da Fundição. (FONTES, 1937, p. 91)
Número de ocorrências: 02

FICHA 35
Topônimo: Alto do Cruzeiro
Termo genérico: Alto
Termo específico: do Cruzeiro
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Cruzeiro S.m. 1. Cruz grande de pedra ao ar livre; 2. [Arquitetura] Parte que em certas igrejas separa a nave central da capela-mor.
Etimologia: Tem origem no latim “crux”.
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Assim foi chamado, durante muitos anos, o alto do final da rua de Itaporanga, no qual foi ficando o Cruzeiro do fim do século, depois transferido para uma elevação nas proximidades do 18 do Forte, no chamado Morro do Quartel. (BARRETO, 2016).
Informações enciclopédicas: 1. Foi erguido um vistoso cruzeiro no alto do fim da rua Itaporanga, ponto bastante elevado e destacado da paisagem da cidade, que passou a ser chamado Cruzeiro do Século; 2. Em função da paisagem e das brisas reinantes era muito procurado para passeios nas tardes de verão e nas noites de luar; 3. Nos dias revolucionários de 1924, uma grande multidão ali se postava para observar as manobras do contra torpedeiro “Alagoas”, no patrulhamento da costa sergipana; Lá também eram enterrados natimortos e cordões umbilicais de muitas crianças de Aracaju; 4. Em 1925, foi removido para o morro próximo do Anipum, fundos do quartel de 28º Batalhão de Caçadores. (PORTO, 2003, p. 147-150)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Quando a prostituta Nenen deixa as companheiras para ir mora em uma pequena casa de um só quarto na rua Itaporanga, bem perto do Alto do Cruzeiro. (FONTES, 1937, p. 67)
Número de ocorrências: 01

FICHA 36
Topônimo: Alto de São Cristóvão
Termo genérico: alto
Termo específico: São Cristóvão
Variante(s): n/e
<p>Acepção semântica: São - santo “<i>sm.</i> ‘sagrado’ ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’ ‘segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um dos seus nomes, sublinhando a transcendência da natureza divina’ XIII Do latim <i>sanctus -a -um</i>” (CUNHA, 2010, p. 580).</p> <p>Cristóvão “s. m. Nome de homem. Do grego <i>Christophóros</i>, de <i>Christós</i>, Cristo, e <i>phóros</i>, portador, pelo latim <i>Christophoru</i>, que por analogia com <i>Stephanu</i> se teria transformado num suposto <i>Christophanu</i>, donde o italiano <i>Cristofono</i> e o português Cristóvão. O elemento <i>Christo</i>, lembrando Cristo, impediu a dissimilação o primeiro <i>r</i> (Grammont, <i>La Dissimilation</i>, 88). Mussafia, <i>Beitrag zur Kunde der norditalien. Mundarten</i>, pg. 12, nº. 4, procura explicar foneticamente e não por analogia a forma italiana. Ribeiro de Vasconcelos, <i>Gram. Hist.</i>, 64, admite a seguinte cadeia: <i>Christophoru-Cristoforo-Cristofo-Cristovo</i> e daí pela analogia com <i>Estêvão</i>, <i>Cristóvão</i>. Existe uma forma popular <i>Cristovo</i>, vinda de Cristóvão, como as formas <i>Estevo</i>, <i>orfo</i>, <i>orgo</i>, vindas de Estêvão, órfão, órgão, por uma redução e uma denasalação do ditongo final destes paroxítonos, mas da transformação oposta não há exemplo. Cortesão, <i>Subsídios</i>, assinala <i>crestouulo (Diplomata</i>, 458, ano de 1092), <i>Christophori (ibidem</i>, 485, ano de 1095) e <i>christophano (Leges</i>, 586, ano de 1220). [...] Nunes interpreta metaforicamente o nome: <i>Cristóforo</i> é o que, segundo S. Mateus, <i>XI</i>, 29, toma sobre si o jugo raiz de <i>phaino</i>, mostrar, parecer: o que se parece com Cristo. V. Moreau, <i>Larousse</i>. Max Muller, <i>Léçons</i>, III, 311, Leite de Vasconcelos, <i>Op.</i>, III, 93, <i>Antr.</i>, 59, 515, Nunes, <i>RL</i>, XXXII, 89.” (NASCENTES, 1952, p. 83). (Santos, 2019, p.)</p>
Etimologia: São: latim <i>sanus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> ; Cristóvão: Antropônimo.
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: A rua recebeu essa denominação por força da Resolução da Câmara Municipal, de 8 de janeiro de 1873. (PORTO, P. 101)
Informações enciclopédicas: Lugar onde as pessoas iam para desfrutar a brisa e as noites de luar. (BARRETO, 2016)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: 1. Comprida, tortuosa, ora larga, ora estreita, a Rua do Siriri se estendia desde o Alto de São Cristóvão até a Avenida Barão de Maroim, mas o seu trecho principal, porque mais habitado, ia da Rua de Laranjeiras até a da Estância (FONTES, 1937, p. 11); 2. Entre o Alto de São Cristóvão e a esquina de Itaporanga, tinha o leito arenoso e extremamente irregular (FONTES, 1937, p. 12).
Número de ocorrências: 02

FICHA 37
Topônimo: Matadouro Velho
Termo genérico: n/e
Termo específico: Matadouro Velho
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Matadouro: 1. Lugar destinado à matança das reses; 2. Açougue, lugar onde se está muito exposto à morte; Velho: Adj. 1. Avançado em idade; 2. Feito ou que existe há muito tempo. =; 3. Muito usado;
Etimologia: Matadouro: derivado de <i>matar+ouro</i> ; Velho: latim <i>vetulus, -a, -um</i> , um pouco velho, de <i>vetus, -eris</i> , velho, idoso, antigo.
Estrutura morfológica: Simples (SN) [N Adj]
Histórico do topônimo: n/e
Informações enciclopédicas: 1. O lugar de matar e retalhar bois era na atual rua de Salgado, próximo à rua Divina Pastora; Em seguida, foi transferido para a região do Anipum, atual bairro Santos Dumont, e era denominado Matadouro Modelo. (BARRETO, 2016)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Naquele dia, seguiram da Rua de São Cristóvão até o Matadouro Velho... (FONTES, 1937, p. 63)
Número de ocorrências: 01

FICHA 38	
Topônimo:	Manuel Preto
Termo genérico:	n/e
Termo específico:	Manuel Preto
Variante(s):	n/e
Acepção semântica:	
Etimologia:	Antropônimo
Estrutura morfológica:	Composta SN [N N]
Histórico do topônimo:	Localidade nas imediações do Bairro Industrial e do Santo Antônio. Atualmente existe uma rua Manoel Preto no Bairro Industrial, antiga Alto da Favela.
Informações enciclopédicas:	A região foi tombada por esse nome em homenagem a um bandeirante do século XVII. (BARRETO, 2016); Em 1580 Manuel Preto fundou uma fazenda e ergueu, em 1615, a capela de Nossa Senhora do Ó, atual bairro da Freguesia do Ó, na zona noroeste de São Paulo. Disponível em: https://www.infoescola.com/biografias/manuel-preto/
Função literária do topônimo:	Memorialista
Tipo de nomeação:	Espontânea
Presença do termo no catálogo:	Não
Contexto da primeira citação:	Quando a prostituta Almerinda se desilude e muda para o Manuel Preto. (FONTES, 1937, p. 95)
Número de ocorrências:	01
	
BR SEAPES CART PLA 0001A	

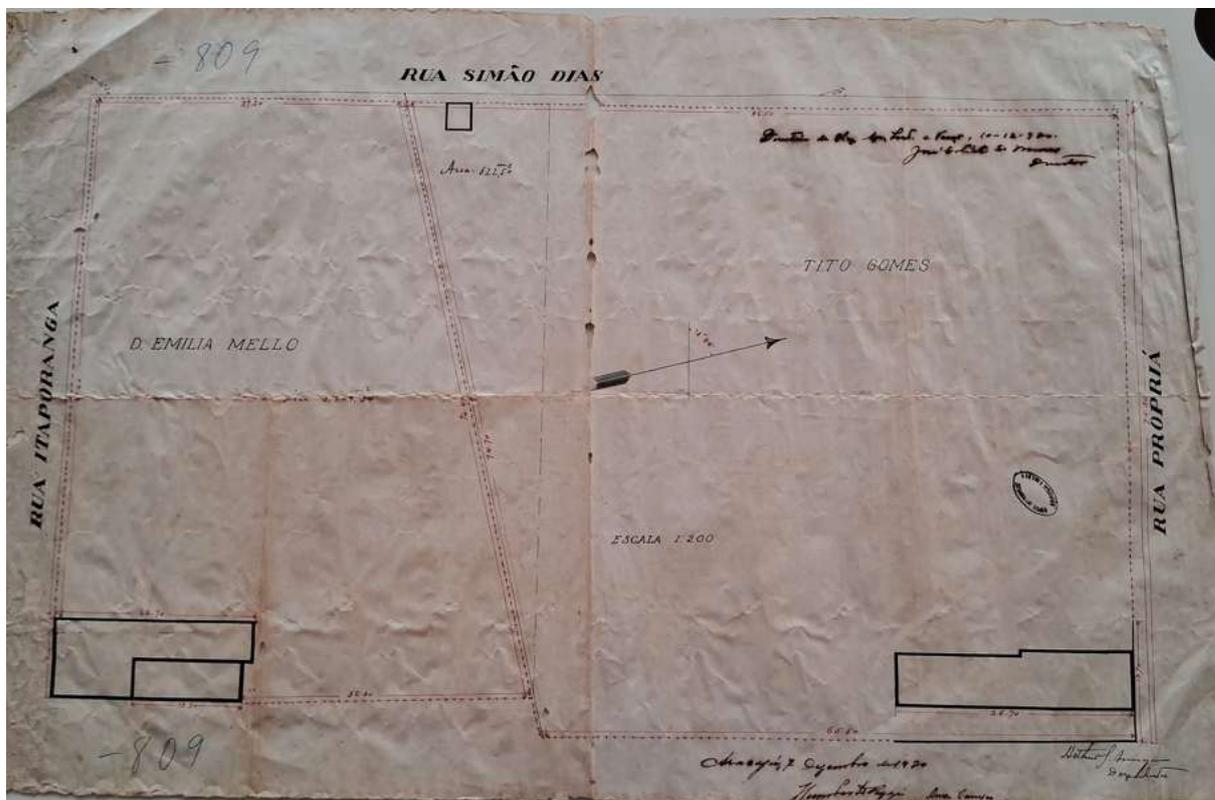
FICHA 39
Topônimo: Aterros do Tecido
Termo genérico: Aterros
Termo específico: do Tecido
Variante(s): n/e
Aceção semântica: 1. Feito no tear; 2. Material feito a partir de fios em tear manual ou industrial. (Priberam, 2025)
Etimologia: Português brasileiro
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Os aterros do Tecido é atualmente a região da rua José do Prado Franco. (PORTO, 2003)
Informações enciclopédicas: 1. Na sessão de 17 de junho de 1887 a Câmara defende que os limites da cidade iam até o “Riacho do Tecido”; 2. Daí surge um nome para disputar com Chica Chaves e Industrial: o Tecido; 3. O nome Tecido ganhou a maior importância nas décadas iniciais do Século XX; 4. Ia-se para lá pelo aterro do Tecido no alinhamento da rua João Pessoa no bonde do Tecido, passava-se a ponte do Tecido, chegava-se à feirinha do Tecido ou às festas do Tecido, e a praia ao norte da Fábrica Confiança, praia do Tecido; 5. Na localidade do Tecido aconteciam festas, feirinhas, sambas de coco e no carnaval tinha um bloco carnavalesco chamado Papai Sacode, financiado pelo empresário Tales Ferraz; 6. Tinha um cinema a céu aberto chamado Cinema Parque; 7. Chica Chaves e Tecido estão sepultados e hoje o bairro é conhecido por Bairro Industrial. (PORTO, 2003, p. 136-137)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Sistemática
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Trilhando vielas de Santo Antônio e os aterros do Tecido conheceu o homem que se fez seu namorando e a seduziu. (FONTES, 1937, p. 90)
Número de ocorrências: 01

FICHA 40
Topônimo: Curral do Bonfim
Termo genérico: Curral
Termo específico: do Bonfim
Variante(s): n/e
Acepção semântica: Área descoberta cercada ou recinto coberto fechado onde se recolhe o gado; casa ou local imundo;
Etimologia: Origem controversa (Priberam, 2025)
Estrutura morfológica: Composta (SN [N Prep Det N])
Histórico do topônimo: Denominado primeiramente de Curral e em seguida Curral do Bonfim.
Informações enciclopédicas: As mulheres que viviam do corpo quando estavam decadentes iam morar nessa localidade para aguardar a morte; zona de prostituição mais decadente da cidade situada na Av. Pedro Calasãs com rua Siriri. (MELINS, 2007)
Função literária do topônimo: Memorialista
Tipo de nomeação: Espontânea
Presença do termo no catálogo: Não
Contexto da primeira citação: Não precisa me contar que eu sei de tudo muito bem. Pois esse não é o Curral do Bonfim, já afamado? (FONTES, 1937, p. 64)
Número de ocorrências: 01

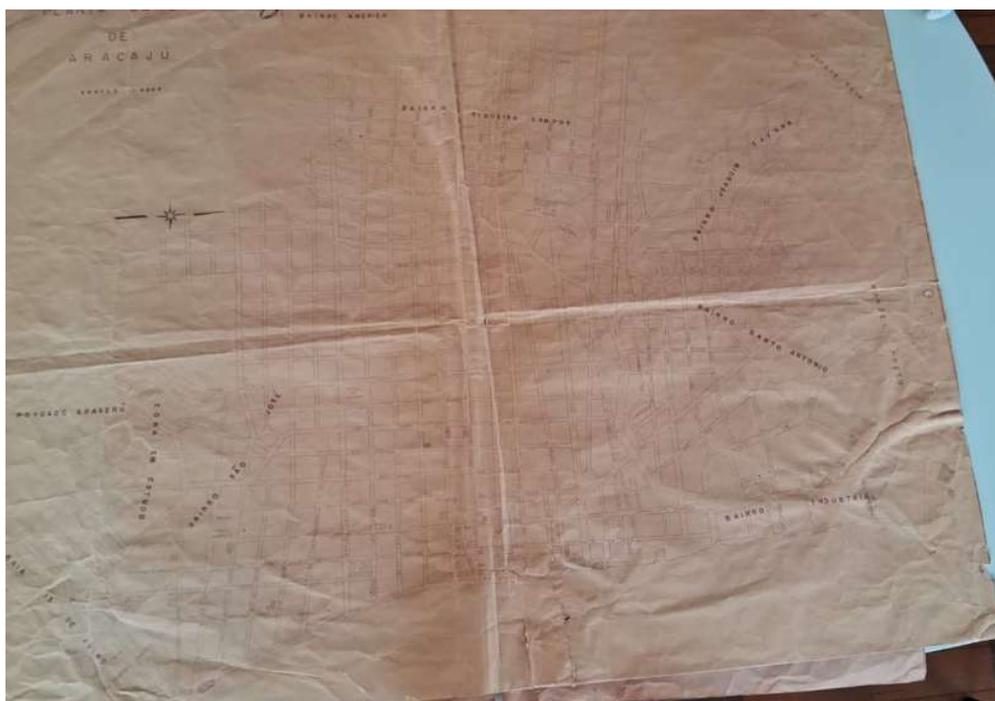
ANEXOS

ANEXO A – IMAGENS DE PLANTAS DA CIDADE DE ARACAJU

Planta 02: Planta delimitadora de terrenos



Planta 03: Planta delimitadora de bairros



Planta 04: Planta de terrenos pertencentes ao Estado



Planta 05: Trecho de planta da cidade de Aracaju

